

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Trajetos de consumo de drogas e experiências prisionais

Henrique Sousa Pedro

Outubro 2012

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor *Jorge Negreiros* (F.P.C.E.U.P.).

Agradecimentos

Quero aqui estender os meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que tornaram esta obra possível, sem os quais todo o trabalho aqui apresentado nunca passaria de uma ideia por concretizar.

Em primeiro lugar quero realçar o trabalho do Professor Doutor Jorge Negreiros, orientador desta dissertação, cujo apoio e *feedback* levaram-me a procurar para lá do óbvio, na procura de soluções que parece que sempre nos escapam;

À Direção Geral dos Serviços Prisionais, pela eterna disponibilidade nos atendimentos e celeridade que demonstraram na aprovação deste projeto;

À direção do Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira, dirigida pela figura da Diretora, a Dr.^a Elisabete Dias, pela receptividade demonstrada na minha ingressão ao estabelecimento prisional;

Aos Serviços de Educação e Ensino, nos quais me integrei durante o ano letivo, por me proporcionarem o meu primeiro grande contacto com o mundo prisional, no qual tive oportunidade de, em primeira mão, interagir com uma das realidades mais particulares na área do estudo da desviância;

Quero ainda destacar o meu orientador nestes Serviços, o Dr. Marcos Taipa Ribeiro, um profissional exemplar que muito para além dos ensinamentos dentro do agir profissional, levou-me muitas vezes a questionar sobre questões da sociologia do comportamento delinvente, cujas discussões sobre o tema provaram-se extremamente estimulantes;

Ao Dr. Bruno Melo, pelo auxílio imenso no processo de amostragem e de contacto inicial com muitos dos participantes;

Ao Paulo Archer e Tânia Silva, pela colaboração no processamento dos dados, nos quais estaria infinitamente enterrado, não fosse pela ajuda tremenda que prestaram;

Gostava também de enviar um cumprimento muito especial às minhas colegas de estágio a Ana, Sílvia e Eduarda, principalmente pela paciência diariamente exibida pelas três no convívio com determinada pessoa.

Por fim, não poderia deixar um agradecimento muito sentido a todos os reclusos do E.P.P.F., particularmente aqueles que acederam participar neste pequeno esforço. São as vozes deles aqui espelhadas, pelas quais tentarei fazer jus.

Muito obrigado.

Resumo

É evidente pelos números encontrados em diversos estudos que a maior parte da população reclusa já contactou de alguma forma com substâncias psicotrópicas (Negreiros, 1997; Fernandes, 2009; Torres, Maciel, Sousa & Cruz, 2009). O estudo proposto insere-se num esforço de compreensão das dinâmicas do consumo de estupefacientes dentro do contexto de um estabelecimento prisional. Como tal comparou-se este mesmo contexto com os contextos de vida fora da prisão na tentativa de encontrar possíveis semelhanças e diferenças.

Procedeu-se a uma metodologia de investigação qualitativa, com a realização de diversas entrevistas semiestruturadas a sujeitos com uma história de consumo em meio livre e prisional. O objetivo foi recolha dos relatos das suas experiências vividas neste campo, procedendo-se a métodos de análise de conteúdo.

Foi relatado pelos sujeitos, que apesar de consumirem as mesmas substâncias que no exterior, a quantidade a que acedem é marcadamente menor, e que a qualidade do produto é notoriamente inferior, devido às substâncias de corte ao qual as substâncias destinadas para consumo dentro da prisão estão sujeitas.

As maiores problemáticas evocadas pelos sujeitos são referentes à economia prisional das drogas, levando inevitavelmente a conflitos com os traficantes no interior da cadeia, devido aos juros consecutivos associados com a falha dos pagamentos. O suicídio em meio prisional aparece como uma questão diretamente relacionada com as dívidas contraídas.

As motivações para o consumo atrás das grades, segundo os reclusos, relacionam-se com a necessidade de passagem do tempo ou abstração dos problemas familiares ou penitenciários, um instrumento de *coping* para com o cumprimento da pena. A outra grande motivação relaciona-se com a manutenção do estado de toxicod dependência, trazida do meio exterior.

Em abordagens futuras, poderá ser pertinente incluir outros atores prisionais, tais como guardas, técnicos ou médicos, obtendo-se uma maior plenitude de perspetivas acerca deste fenómeno.

PALAVRAS-CHAVE: Prisões; Consumo de drogas; Tratamento penitenciário; Trajetórias de vida

Abstract

Numbers found in several studies clearly demonstrate that the majority of the prison population has already contacted in some way with psychotropic substances (Negreiros, 1997; Fernandes, 2009; Torres, Maciel Sousa & Cross, 2009). The proposed study is part of an effort to understand the dynamics of drug use within the living context of a prison. As such, this same context will be compared with the life settings outside of confinement, in an attempt to find possible similarities and differences.

Qualitative research methodology was carried out, with the application of several semistructured interviews to subjects with a history of consumption out and within prison, with a purpose to seize the history of their lived experiences in these contexts, ultimately proceeding to content analysis methods.

It was reported by subjects, that despite consuming the same substances than outside, the amount to which they have access is markedly lower, and the product quality is also noticeably lower, because of higher amounts of cutting substances mixed with drugs intended for consumption within prison.

The major issues raised by the subjects are related to the prison drug economy, leading inevitably to conflict with the dealers inside prison, due to rising interest rates associated with the consecutive failure of payments. Suicide in prison appears as a matter directly related to the debts incurred.

The motivations for consumption behind bars, according to the prisoners, relate to the need for passage of time or abstraction from family or jail problems, as an instrument for coping with the sentence. The other major motivation relates to maintaining the state of addiction, brought in from the outside environment.

In future approaches, it may be relevant to include other prison figures, such as guards, social workers or physicians, resulting in a wider branch of perspectives on this phenomenon.

KEYWORDS: Prisons; Drug use; Penitentiary treatment; Life trajectories

Résumé

Les chiffres obtenus dans diverses études démontrent que la majorité de la population recluse s'est déjà approchée, d'une forme ou d'une autre, des substances psychotropes (Negreiros, 1997; Fernandes, 2009; Torres, Maciel, Sousa & Cruz, 2009). L'étude proposée s'encadre dans un effort de comprendre les dynamiques de la consommation de stupéfiants dans le contexte d'un établissement carcéral, et pour cela, ce même contexte sera comparé avec les contextes de la vie hors de la prison dans l'expectative de rencontrer des possibles différences et ressemblances.

Nous avons recouru à une méthodologie qualitative, contant avec la réalisation de diverses entrevues semisstructurées à des sujets avec une histoire de consommation dans et hors de la prison, visant recueillir des témoignages de leurs expériences vécues dans ce domaine, en utilisant des méthodes d'analyse de contenu.

Il fut rapporté par les sujets, que malgré le fait qu'ils consomment les mêmes substances que à l'extérieur, la quantité à laquelle ils ont accès est nettement plus faible, et que la qualité du produit est significativement inférieure, en raison de la trace excessive que les substances subissent dans les prisons.

Les plus grandes problématiques évoquées par les sujets se rapportent à l'économie pénitentiaire des drogues, provoquant inévitablement des conflits avec les trafiquants dans l'intérieur des prisons, en raison des intérêts consécutifs associés au manque de paiements. Le suicide dans le contexte pénitentiaire apparaît comme une question directement liée avec les dettes créées.

Les motivations pour la consommation derrière les barreaux, selon les reclus, sont liées à la nécessité de passer le temps ou de s'abstraire des problèmes familiaux ou pénitenciers, un instrument de coping pour accomplir la peine. L'autre grande motivation se rapporte avec la maintenance de l'état de toxicodépendance, apportée du contexte extérieur.

Dans des prochaines approches, inclure d'autres acteurs pénitenciers pourra être pertinent, comme les gardes, les techniciens ou médecins, permettant obtenir des perspectives de plus grande plénitude sur le phénomène.

MOTS-CLÉS: Prisons; Consommation de drogues; Traitement pénitencier; Trajectoires de vie.

Abreviaturas

E.P. – Estabelecimento Prisional

E.P.P.F. – Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira

Índice

PARTE A: Enquadramento Teórico	1
1. A prisão como objeto de estudo	2
2. Consumo de droga segundo o quadro legal português.....	3
3. Consumidores de droga e população prisional.....	4
4. Prevalência do consumo de drogas nas prisões.....	8
5. Conclusão.....	12
PARTE B: Estudo empírico.....	13
1. Objetivo do estudo	14
2. Metodologia	15
2.1. Procedimento.....	15
2.2. Amostra	16
2.3. Análise de conteúdo	17
3. Apresentação e análise dos resultados.....	19
3.1. Padrões de consumo	19
3.2. Influência dos contextos.....	27
3.3. Experiências marcantes	31
3.4. Motivação para o consumo	39
4. Conclusão e considerações finais.....	42
Bibliografia.....	45
Anexos.....	49

Índice de anexos

Anexo 1 – Guião de entrevista	50
Anexo 2 – Exemplar de consentimento informado	53
Anexo 3 – Grelha de análise de conteúdo para as referências em meio livre	54
Anexo 4 – Grelha de análise de conteúdo para as referências em meio prisional	57

PARTE A: Enquadramento Teórico

1. A prisão como objeto de estudo

Num recente estudo acerca das práticas dos tratamentos de substituição opiácea e o seu impacto junto da comunidade prisional, Fernandes e Silva (2009), realizaram uma avaliação da prisão enquanto objeto de análise, e a produção científica portuguesa nesta área, referindo também a investigação realizada no campo das drogas em meio penitenciário. Numa análise sucinta, estes autores evidenciam a escassez de pesquisa no campo penitenciário, nomeadamente na área das ciências sociais e humanas, citando apenas quatro estudos portugueses consistentes, realizados até ao final dos anos 90 (Gonçalves, 1993 *cit. in* Fernandes & Silva, 2009; Moutinho & Coelho, 1993 *cit. in* . Fernandes & Silva, 2009; Cunha, 1996 *cit. in* Fernandes & Silva, 2009; Moutinho, 1998 *cit. in* Fernandes & Silva, 2009). Os autores remetem para Cândido da Agra na composição de um capítulo acerca da realidade portuguesa, num trabalho coletivo (Van Ostrive & Philippe Robert, 1999 *cit. in* Fernandes & Silva, 2009, pp.11) a justificação da ausência de trabalho científico no penitenciário português:

“A ditadura, durante meio século, foi fazendo o elogio do pensamento dogmático e reprimiu a livre construção do conhecimento. Os efeitos nefastos do regime não desapareceram de imediato com a revolução, antes persistiram até data recente. O sistema da justiça e o direito português começam a tomar consciência do seu conservadorismo e a deixar-se penetrar pelo pensamento crítico. Antes dos anos 90, a pesquisa empírica sobre o crime e o sistema de justiça era praticamente inexistente.”

Na conjugação dos dois objetos droga e crime, observa-se uma maior escassez de estudos, sendo a fonte portuguesa mais precoce a de Negreiros (1997). Segue-se o primeiro levantamento a nível nacional do fenómeno droga em contexto prisional, por Anália Torres e Maria do Carmo Gomes (2002 *cit. in* Fernandes & Silva, 2009; Torres & Gomes, 2002 *cit. in* Torres, Maciel, Sousa & Cruz, 2009)

2. Consumo de droga segundo o quadro legal português

Relativamente ao enquadramento legal do consumo de droga em Portugal encontra-se em vigor Decreto-Lei nº 15/93 de 22 de janeiro¹, tendo sido revogados os artigos 40º (excetuando o cultivo) e o artigo 41º, pela Lei nº 30/2000 de 29 de novembro² que “define o regime jurídico aplicável ao consumo de estupefacientes e substâncias psicotrópicas, bem como a proteção sanitária e social das pessoas que consomem tais substâncias sem prescrição médica”, vindo a descriminalizar o consumo, a aquisição e a posse para o consumo, onde passa então o consumidor a incorrer numa contraordenação, não sendo possível a aplicação de pena de prisão, mediante determinadas quantidades. Sendo assim, considera-se o consumo de drogas em Portugal descriminalizado, mas não despenalizado. No entanto importa destacar as regras aplicadas nos Estabelecimentos Prisionais (E.P). portugueses na matéria de substâncias psicotrópicas, ditando o Código de Execução de Penas e Medidas Privativas da Liberdade que incorrerá numa infração grave aquele recluso, que segundo o artigo 104º: “j) Deter, possuir, introduzir, produzir, fabricar, distribuir ou transacionar no estabelecimento prisional estupefacientes ou qualquer substância tóxica, fármacos não prescritos ou bebidas alcoólicas não autorizadas ou organizar essas atividades”.

¹ “1 – Quem consumir ou, para seu consumo cultivar, adquirir ou detiver plantas, substâncias ou preparações compreendidas nas tabelas I a IV é punido com pena de prisão até 3 meses ou com pena de multa até 30 dias. 2 – Se a quantidade de plantas, substâncias ou preparações cultivada, detida, ou adquirida exceder a necessária para o consumo médio individual durante o período de 5 dias, a pena é de prisão até 1 ano ou de multa até 120 dias. 3 – No caso do nº 1, se o agente for consumidor ocasional, pode ser dispensado de pena.”

² “1— O consumo, a aquisição e a detenção para consumo próprio de plantas, substâncias ou preparações compreendidas nas tabelas referidas no artigo anterior constituem contraordenação. 2— Para efeitos da presente lei, a aquisição e a detenção para consumo próprio das substâncias referidas no número anterior não poderão exceder a quantidade necessária para o consumo médio individual durante o período de 10 dias”

3. Consumidores de droga e população prisional

Tentar-se-á nesta secção fazer uma breve caracterização da população dos consumidores de droga, da população prisional, e que características estas populações partilham e em que medida se sobrepõem.

Os consumos de drogas na população prisional parecem iniciar-se em média durante a fase intermédia da adolescência, nomeadamente por volta dos 16 anos (Negreiros, 1997; Agra, 2008; Fernandes, 2009; Torres et al., 2009).

Numa revisão da literatura, McBride e McCoy (1981 *cit. in* Negreiros, 1997) enumeraram cinco conclusões principais acerca do relacionamento entre o comportamento delincente e o consumo de drogas: uma proporção elevada de delinquentes apresenta consumo de drogas e uma proporção elevada de consumidores de drogas apresentam comportamentos criminais; a frequência do comportamento criminal aumenta após a iniciação do consumo de drogas; a probabilidade de consumidores de drogas envolverem-se em crimes contra a propriedade é acrescida; o consumo de substâncias parece ser um fator de contribuição para a manutenção do comportamento criminal no tempo, em contraste com sujeitos não consumidores; em parte a relação droga-crime é explicada pelo sistema legal que torna num ilícito a própria posse de substâncias.

Agra (2008), ao caracterizar a população, relativamente ao eixo comparação droga-crime, enumera quatro grupos: os “normais”, sujeitos que não se encontram enquadrados nem no consumo de droga, nem na prática de delitos; os consumidores de droga, não associados à prática de crimes; o grupo misto, caracterizado pela prática simultânea de comportamentos delituosos e de consumo; e o grupo crime, que comporta sujeitos que exclusivamente praticam delitos. Apoiado por vários estudos, este autor evidencia diferenças entre os grupos a diferentes níveis. Algumas das diferenças suportadas são a nível emocional (Teixeira, 1997 *cit. in* Agra, 2008), onde relativamente à organização do sistema nervoso central, os grupos desviantes (os grupos toxicod dependentes, delinquentes e ambos) apresentam funcionamentos distintos do grupo normal. Este funcionamento específico dos grupos desviantes caracteriza-se por um predomínio da ativação comportamental sobre a inibição, e da labilidade sobre a

estabilidade. Existem também padrões específicos, sendo que o grupo droga-crime e o grupo crime assemelham-se por um perfil neuro-emocional caracterizado uma por dificuldade de expressão de respostas normais relativamente a estímulos com significado (cenas relativas a crime ou a drogas), por uma rigidez, uniformidade e simplicidade de resposta a diversas situações. O grupo toxicodependente relativamente a este nível de funcionamento aproxima-se do grupo normal relativamente ao padrão neuro-emocional.

Quanto à natureza das emoções experienciadas também foram encontradas diferenças (Queirós, 1997 *cit. in* Agra, 2008). Os grupos desviantes na sua generalidade apresentam um maior negativismo emocional, estando demarcada a presença de sentimentos de vergonha, tristeza, e de culpa, especialmente no grupo que conjuga crime e toxicoddependência. Estes resultados indicam que se associados à responsabilização do ato, estes sujeitos não estão desprovidos de moralidade e de crítica face ao seu comportamento. Relativamente a uma estrutura da personalidade não é evidenciado que exista uma estrutura específica que determine o comportamento delinquente, toxicodependente ou ambos, no entanto existem diferenças em certas características psicológicas específicas para cada um dos grupos a nível de pensamento e relação com o meio. (Santos *cit. in* Agra, 2008).

Utilizando metodologias de análise biográfica de Agra e Matos (1997) estabeleceram três tipos possíveis trajetos desviantes relacionados com o percurso droga-crime: o Tipo I (delinquentes/toxicodependentes), Tipo II (especialistas droga-crime) e o Tipo III (toxicodependentes/delinquentes). O grupo Tipo I, os delinquentes/toxicodependentes” são “o grupo maioritário, concentrando mais de metade da população estudada em meio prisional” (Agra, 2008, pp. 47). Provêm de agregados familiares numerosos, marcados por elevados níveis de problemas relacionais e de destruturação, dando-se uma rutura do sujeito com a família por volta dos 16 anos. Entre outros aspetos, o autor evidencia o percurso escolar irregular, demarcado pelo insucesso e conseqüente abandono, levando ao início do percurso laboral, também demarcado com irregularidades. O contacto inicial com os consumos, nomeadamente, as designadas drogas mais leves inicia-se por volta dos 16 anos, assim como o estabelecimento de grupos de pares delinquentes ou pré-delinquentes, onde, segundo o autor, o consumo de substâncias é integrado no conjunto de atividades do grupo. As drogas duras surgirão por arrastamento, ou por curiosidade. Estes sujeitos são intercetados precocemente pelas instâncias de controlo social como os tribunais de

menores, e reencaminhados para instituições de menores, sendo que o contacto com o sistema penal é feito ainda antes dos 20 anos. No caso dos sujeitos do Tipo II (especialistas droga-crime), à semelhança dos do Tipo I, estes são também oriundos de agregados familiares numerosos, no entanto, mais estruturados, revelando-se num maior estabelecimento de laços familiares. Revelam-se mais adaptativos a contextos estruturados e normativos, sendo que metade destes sujeitos apresenta um percurso escolar normal. Os primeiros contactos com drogas leves surgem ainda antes dos 17 anos, devido a “contactos mais ou menos, frequentes com a subcultura delinquente ou com consumidores regulares de droga” (Agra, 2008, pp.49). O contacto com as drogas duras dá-se por volta dos 22 anos, no contexto de vida delinquente, normalmente pelo tráfico destas substâncias. Antes dos 24 anos, quase todos estes sujeitos já contactaram com instâncias formais de controlo. Sujeitos pertencentes ao Tipo III (toxicodependentes/delinquentes) provêm de agregados familiares menos numerosos e mais estruturados, apresentando também maior estabilidade sócio-económica, existindo uma maior vinculação familiar. O percurso escolar destes sujeitos é relativamente mais extenso que nos outros tipos, sendo que sujeitos neste grupo podem chegar a concluir o secundário, apesar de revelarem problemas de adaptação ao contexto escolar que se manifestam precocemente no seu percurso ou imediatamente antes de o abandonarem. Os contactos iniciais com as drogas surgem, geralmente, aos 14 ou 16 anos, sendo que o consumo de drogas duras inicia-se ainda antes dos 19 anos. A atividade delituosa, de origem aquisitiva (roubos e furtos) surgem após o contacto com as drogas duras, servindo de modo de sustento ao consumo. O controlo social é exercido nestes sujeitos inicialmente por tentativas de reinserção nas clínicas (nomeadamente no internamento, com vista a desintoxicação), “e só posteriormente se regista a intervenção penal, com a aplicação de penas não privativas de liberdade ou penas leves de prisão” (Agra, 2008, pp. 50)

A relação droga-crime está também evidenciada por outros autores (Negreiros, 1997; Fernandes & Silva, 2009; Torres et al., 2009), sendo consensual que a maior parte da população reclusa se encontra detida por motivos ligados à droga quer seja de forma direta (situações de tráfico, consumo ou tráfico e consumo simultâneos) ou indireta (crimes praticados para obtenção de meios para consumo, como é o caso do roubo ou furto).

Numa revisão meta-analítica de um largo número de investigações, num espaço de 25 anos, acerca da relação entre o consumo problemático de drogas e crime (Bennett,

Holloway & Farrington, 2008), foi possível observar que consumidores de droga apresentavam entre 2.8 a 3.8 mais probabilidade de delinquir que não consumidores. Foi também evidenciado que a relação não é a mesma para todos os tipos de consumidores, pois os consumidores de *crack* teriam 6 vezes mais a probabilidade de delinquir que não consumidores, enquanto que os segundo mais prováveis, os consumidores de heroína apresentavam uma probabilidade 3 vezes maior, seguidos dos consumidores de cocaína com mais 2.5 de probabilidade. Os consumidores recreacionais apresentam associações menores, apresentando os consumidores de marijuana 1.5 de probabilidade, enquanto que os consumidores de anfetaminas demonstraram 1.9. Os autores evidenciaram assim, que a associação entre a droga e delinquência varia largamente entre os tipos de droga consumida.

Numa outra perspectiva do estudo do cruzamento entre droga e crime, Passini (2012), investigou, numa população adolescente, em que medida a reputação social e o desengajamento moral (*moral disengagement*) predizem o consumo de drogas, e por sua vez, como o consumo pesado de drogas influencia a probabilidade futura de delinquir violentamente. Sucintamente o desengajamento moral refere-se à reestruturação cognitiva que um sujeito realiza mediante a execução de ações passíveis de condenação e consequente categorização de tais atos como sendo benignos ou justos, quer seja através de justificações morais, comparações sociais desculpabilizantes, atribuição de culpa ou desumanização das vítimas ou redução da participação nos atos por difusão da responsabilidade em terceiros (Bandura, 2002). O estudo conclui que quanto maior a importância os jovens atribuem a uma “má” reputação (exteriorização de uma imagem dura e desviante) maior a probabilidade de consumo de drogas leves e pesadas, e em consequência mais envolvidos se encontram em vandalismo e comportamentos violentos. Em contraste, quanto mais valorizada uma “boa” reputação (respeito por terceiros e pelas normas), menor a probabilidade de se envolverem em tais comportamentos. Outro dado assinalado é a influência do tipo de drogas no comportamento violento, sendo apenas observável esta associação com drogas duras.

4. Prevalência do consumo de drogas nas prisões

Para a análise da prevalência do consumo de drogas nas prisões portuguesas utiliza-se como referência de base o estudo de Torres e colaboradores (2009), que possui dados recolhidos por inquéritos em 44 estabelecimentos prisionais de Portugal Continental e Regiões Autónomas da Madeira e Açores, realizados a reclusos e aos diretores e pessoal dos serviços clínicos, em 2001 e em 2007. O inquérito relevante para este estudo é o dirigido aos reclusos, onde se foca o consumo de substâncias ilícitas antes e durante o cárcere, nomeadamente que substâncias, o seu método de administração, e frequência de consumo. Outras variáveis estudadas incluem dados sócio-demográficos, trajetória criminal, avaliação das condições de vida do estabelecimento prisional e representações acerca de diversas questões relativas à toxicodependência.

No total da amostra foram obtidas 2057 respostas em 2001 do total de 2601 reclusos selecionados aleatoriamente, e 1986 de 2394 em 2007. Os resultados obtidos indicam que, em 2001, 60.6% da população reclusa admitira consumir pelo menos uma substância ilícita antes da prisão contra 55.0%, em 2007. Já na prisão a utilização de substâncias ilícitas é de 47,4%, em 2001, e de 35.7% em 2007. Numa comparação dos consumidores de acordo com a reincidência criminal, observa-se que os reincidentes são aqueles que mais admitem consumido drogas alguma vez na vida (80.8% em 2001 e 77.1% em 2007) em comparação com os primários (56.2 % em 2001 e 53.9% em 2007). As substâncias mais consumidas antes e durante a prisão são a cannabis e heroína. Assim dentro da população total de inquiridos em 2001, 56.5% admite ter experimentado cannabis pelo menos uma vez na vida, 46.9% admite ter experimentado heroína e 45.6% já consumiu cocaína. Para os dados relativos a 2007, verifica-se que 55.2% já consumiu cannabis pelo menos uma vez, 34.4% consumiu heroína e 40.2% consumiu cocaína. Outras substâncias como fármacos, anfetaminas e ecstasy apresentavam menor relevância, apesar de demonstrarem predominâncias que rondam os vinte e trinta pontos percentuais. Relativamente a consumos dentro do contexto prisional, em 2001, 38.7% dos reclusos consumiu cannabis, 27.0 % consumiu heroína e 20.1% consumiu cocaína, sendo que os fármacos apresentam-se como uma substância

que também é consideravelmente consumida dentro da prisão (24.6%). Para 2007, estes consumos diminuem para 29.8% para o caso da cannabis, 13.5% para a heroína, 9.9% para a cocaína, e os fármacos passam a ser a segunda droga mais consumida em contexto prisional com 16.3%.

Quanto às modalidades de consumo antes da reclusão e durante a prisão, existem apenas dados referentes a 2007. Assim para consumos prévios à reclusão existem os seguintes dados: a cannabis é essencialmente fumada (99.7%), a heroína ou é fumada (65.9%) ou injetada (40.1%), enquanto que a cocaína apresenta-se como a substância cuja administração é mais variada sendo fumada (52.4%), inalada (40.1%) e injetada (32.9%). Quanto aos fármacos, anfetaminas e ecstasy, são maioritariamente ingeridos por via oral com 88.1%, 92% e 94%, respetivamente. Outras modalidades de consumo para estas substâncias poderão ser consideradas residuais, apesar de se verificar todas as combinações de consumo. Relativamente aos modos de consumo na prisão observa-se a que a cannabis e heroína continuam a ser quase exclusivamente fumadas (99.2% e 85.3%, respetivamente), observando-se uma drástica redução dos consumos por via endovenosa (13.3%, apesar de estudos internacionais indicarem uma maior persistência destes consumos (Hughes, 2003; Strang et al., 2006)). Observa-se também um aumento da cocaína fumada (69.1%) em relação às restantes modalidades (23.2% para a cocaína inalada e 16.4% para a injetada). Em relação aos fármacos, anfetaminas e ecstasy ainda são consumidos maioritariamente por via ingerida (82.6%, 83.9% e 86.4%, respetivamente), apesar de se verificar um ligeiro aumento do consumo destas substâncias por via fumada (11.5%, 12.5% e 13.6%, respetivamente). Verifica-se então que o meio prisional favorece o consumo dos consumos por via fumada, em especial detrimento da via endovenosa, devido à especial dificuldade de obtenção de seringas para este efeito.

De referir que os inícios de consumos de substâncias na prisão são escassos, sendo que em 2001, as substâncias de iniciação mais usuais eram os fármacos com 13.5% dos reclusos a admitir que consumiram pela primeira vez na prisão, observando-se que para as restantes substâncias os valores não ultrapassavam os 5%. Em 2007, estes valores desceram para 9.2% para os fármacos, denotando-se igualmente um decréscimo para as restantes substâncias

Quando questionados sobre a comparação da frequência dos consumos habituais de droga antes e durante a prisão, a esmagadora maioria dos inquiridos refere, tanto em 2001 como em 2007, que consumia mais vezes antes da prisão (73% e 70%,

respetivamente) sendo minoritária a proporção que admite consumir o mesmo (9.2% e 5.0%, respetivamente) ou mesmo mais em contexto prisional (17.8% e 13.7%, respetivamente). Em 2007, 11.3% dos consumidores admite não consumir em contexto prisional. Tendo em conta estes e outros dados a que este estudo chegou, é possível afirmar, tal como os próprios autores admitem, que o consumo de substâncias ilícitas em contexto prisional está condicionado por uma situação de controlo que de 2001 a 2007 se viu reforçada, tornando mais restrito o acesso a estas mesmas substâncias, moldando então as práticas e hábitos dentro da prisão.

A prevalência de consumos de droga em contexto prisional na Europa é bastante heterogénea obtendo-se dados bastante variáveis (Stöver & Michels, 2010). Um dado interessante é o da prevalência do consumo de drogas dentro da prisão de acordo com o sexo, demonstrando que 10% a 48% da população reclusa masculina consome estupefacientes dentro da prisão, enquanto que para a população reclusa feminina esta proporção aumenta para 30% a 60%. Outro aspeto evidenciado por estes autores é que o consumo de substâncias é potencialmente mais perigoso devido à quantidade reduzida de droga e de equipamento para injeção esterilizado, levando assim a uma maior partilha entre reclusos, promovendo assim o contágio de diversas doenças infetocontagiosas. Referem também que o envolvimento em drogas dentro do contexto prisional favorece o comportamento violento, visto que reclusos que incorreram em ações disciplinares devido a consumo, posse ou contrabando demonstravam maiores possibilidades de se envolverem em atos violentos ou disruptivos. Um estudo em prisões britânicas (Farrel, Singleton & Strang, 2000) indicou que 19% de condenados masculinos e 20% de condenadas femininas admitiram consumirem heroína durante o cumprimento da sentença. A nível do consumo endovenoso encontrou-se que a grande maioria da população prisional, nomeadamente 98%, mencionava nunca ter consumido deste modo, e dos que tinham consumido a tendência seria episódica e não habitual (Singleton et al., 1998, *cit. in* Farrel, et al., 2000). Resultados demonstraram também que a injeção estaria mais associada com a população reincidente, tendo 1% deste grupo admitido ter injetado mais de dez vezes durante o cumprimento da pena. Outro dado interessante é de que entre 1% a 2% da população prisional britânica possui um padrão persistente no consumo de drogas por via injetada (Bird *et al.*, 1997, *cit. in* Farrel, et al., 2000; Singleton *et al.*, 1998 *cit. in* Farrel et al., 2000)

De acordo com o Observatório Europeu da Drogas e da Toxicodependência, tal como explicitado no seu Relatório Anual (2011) para a Evolução do Fenómeno da

Droga na Europa, existem mais de 600.000 pessoas afetadas aos estabelecimentos prisionais na União Europeia, cujas condenações com crimes relacionados com legislação referente à matéria de drogas variam entre 3% a 53% entre os estados-membros, reportando metade destes percentagens entre os 9% a 25%. Mais uma vez existem dados bastante heterogêneos no espaço europeu, quer a nível do consumo regular de droga no mês prévio ao encarceramento, podendo variar entre 8% a 65%, quer a nível do consumo por via injetada onde 5% a 31% dos reclusos admitem já terem consumido desta forma, revelando maiores incidências que na população geral. É apoiada a afirmação de que aquando a entrada no sistema prisional, os consumos de droga reduzem, devido ao controlo exercido, apesar de ser reconhecida a entrada de alguma quantidade de estupefacientes para dentro destas instituições. Um estudo belga (Todts *et al.*, 2009) concluiu que um terço da população detida inicia o consumo de uma nova substância durante o encarceramento, principalmente heroína. Foi também levantada a questão de que os consumidores encarcerados partilhariam seringas com maior frequência do que aqueles consumidores em meio livre.

Num outro trabalho, realizado estabelecimento prisional escocês acerca dos padrões de injeção de drogas e partilha e de materiais (Shewan, Macpherson, Reid & Davies, 1995), foi observado reduzidos níveis de injeção em contexto prisional, comparativamente a trabalhos mais antigos (Peutherer *et al.*, 1985 *cit. in* Shewan *et al.*, 1995; Robertson *et al.*, 1986 *cit. in* Shewan *et al.*, 1995). No entanto dos sujeitos que apresentaram padrões de consumo endovenoso, a grande maioria demonstrou que partilhava seringas, conclusão que vai de encontro a estudos prévios (Power *et al.*, 1992 *cit. in* Shewan *et al.*, 1995; Shewan *et al.*, 1994 *cit. in* Shewan *et al.*; 1995; Taylor *et al.* 1995 *cit. in* Shewan *et al.*, 1995). No entanto, segundo os autores, e de acordo com evidências prévias (Shewan *et al.*, 1994 *cit. in* Shewan *et al.*, 1995), os dados deste estudo são muito próprios do estabelecimento prisional onde foi realizado, alertando que é improvável encontrar resultados similares noutra cadeia.

5. Conclusão

Em forma de conclusão, é possível referir que os consumos de droga no contexto prisional português cingem-se essencialmente ao haxixe, heroína e cocaína, especialmente às duas primeiras substâncias. Os restantes psicotrópicos têm um impacto marginal, apesar de se observar uma tendência crescente do consumo de fármacos. A nível internacional, os vários estudos demonstram uma grande variação entre países, assim como uma diferença acentuada entre consumos em prisões masculinas e femininas. Esta dispersão poderá ser explicada pelas diferentes taxas de encarceramento para crimes relacionados com drogas.

A nível dos consumidores de drogas, os crimes que normalmente lhes são associados prendem-se com uma natureza aquisitiva, dado o baixo nível socioeconómico que caracteriza grande parte da população toxicodependente conjugado com a necessidade de dinheiro para a compra das substâncias. A probabilidade de delinquir é diferente dependendo do tipo de substância estudada, encontrando-se maiores taxas em drogas mais duras, tendo também sido associadas a prática de crimes de natureza mais violenta a drogas mais duras

PARTE B: Estudo empírico

1. Objetivo do estudo

O estudo a realizar focar-se-á nas experiências de consumo de estupefacientes dentro de um contexto prisional, e averiguar em que medida estas experiências diferem em relação ao contexto de vida normal dos sujeitos. Importa para o objetivo desta investigação fazer uma análise do consumo em meio livre, pois é necessário contrapor o consumo prisional com o seu oposto, a fim de poder realçar as especificidades de ambos os contextos, assim como os seus pontos comuns.

Este estudo será de natureza exploratória, tentando ajudar a enquadrar de que forma estes consumos se perpetuam num contexto aparentemente adverso à sua continuação e a sua implicação nos atores deste fenómeno.

Indo de encontro com a revisão da literatura realizada, formulou-se duas grandes questões de investigação:

1. Qual o impacto do encarceramento nos reclusos que referem consumos de substâncias anteriores à detenção?
2. Que tipos de experiências e sentimentos os reclusos associam ao tráfico e consumo de drogas no exterior e interior da prisão?

2. Metodologia

2.1. Procedimento

A recolha dos dados foi realizada por entrevistas semiestruturadas focadas em quatro pontos essenciais, tendo por base os inquéritos realizados por Agra e Matos (1997), Torres et al. (2009) e Fernandes (2009). Foram focadas as temáticas do consumo de drogas em quatro grandes questões, contrapondo sempre a realidade do consumo dentro da prisão e fora desta. As quatro grandes áreas focadas foram: os padrões de consumo; as readaptações do consumo (quer seja no meio livre ou em reclusão); vivências marcantes; e a motivação para o consumo. No final do inquérito foi dada liberdade ao sujeito para apresentar outras situações pertinentes que poderiam não ter sido abordadas ao longo do encontro. Dado o caso do EPPF ser uma cadeia central, cuja população é maioritariamente de reclusos condenados transferidos de EP regionais, será também abordada a experiência do entrevistado nesses EP caso seja visto como relevante para o presente estudo.

Após o estabelecimento de uma problemática a estudar, o percurso natural de qualquer trabalho académico reside na escolha de uma opção metodológica. A primeira grande questão poderá residir na indecisão entre uma abordagem qualitativa ou quantitativa. Segundo Ghiglione e Matalon (1997, pp.105), “habitualmente considera-se que um processo completo de inquirição deve começar por uma fase qualitativa, sob a forma de um conjunto de entrevistas não diretivas ou estruturadas, a que se segue uma fase quantitativa”. No entanto estes autores consideram redutor limitar a entrevista (e outros métodos qualitativos) a um mero preparador para a fase quantitativa, pois é através da entrevista que além de confirmar a existência de determinadas modalidades que mais tarde incorporarão o questionário, é por ela que ressaltam os componentes afetivos associados à problemática em estudo, mais dificilmente captados por outras abordagens (Ghiglione & Matalon, 1997).

Definido o campo metodológico no qual operar, é necessária a escolha de um tipo de instrumento, tendo sido escolhida a entrevista semidiretiva (ou semiestruturada), caracterizada pela existência de uma grelha de temas ou guião pré-definidos, mas cuja abordagem às temáticas é feita de forma livre e espontânea, onde o entrevistador

simplesmente sugere as temáticas em discussão. Caso determinado tema da grelha não seja referido livremente, o entrevistador então sugere-o (Ghiglione & Matalon, 1997). A escolha da utilização da entrevista como método de recolha de dados, passa não pela necessidade de testar hipóteses, ou realizar avaliações, mas pelo interesse em perceber as experiências ou histórias pessoais, e os significados que o entrevistado lhes atribui (Seidman, 1991)

Na própria construção do guião (cf. Anexo 1) procurou-se iniciar a abordagem a cada uma das categorias mais gerais com uma pergunta abrangente de modo a captar o discurso livre dos sujeitos, posteriormente sugerindo alguns subtemas definidos *a priori*. Este é uma atuação que vai em conformidade com a ideia de que para reduzir a disparidade natural que emerge entre o tipo de respostas feitas a perguntas abertas e fechadas, e consequentemente os resultados obtidos, dever-se-á incorporar ambos os tipos de perguntas (Lazersfeld, 1944 *cit. in* Foddy, 1993).

2.2. Amostra

O universo da amostra, a população prisional do Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira contava, a 31 de dezembro de 2011, com 619 reclusos afetos do sexo masculino, encontrando-se presentes naquela data 584. Esta diferença é explicada pelo cumprimento de diversas medidas de flexibilização ou outras licenças atribuídas aos reclusos.

A amostra inicial deste estudo, consistiu em 23 reclusos condenados, com idades compreendidas entre os 24 e os 45 anos, com uma história de consumo de drogas duras de no mínimo 3 anos, não se distinguindo entre o tipo de condenação. Esta seleção da amostra assemelha-se à Agra e Matos (1997). A média das idades dos sujeitos é de 33,65 anos ($D.P. = 7.01$). O alvo do estudo não se foca em exclusivo em sujeitos que tenham à data da recolha de dados um consumo ativo dentro da prisão, mas engloba sujeitos que já tiveram experiências passadas de consumo prisional. Esta amostra foi recolhida, por conveniência, junto dos Serviços Clínicos do E.P.P.F., sendo referenciados diversos reclusos que posteriormente foram contactados pelo investigador, a fim de participarem no estudo. Todos os sujeitos acederam à gravação das entrevistas excetuando um, cuja entrevista foi anulada devido à sua incapacidade de responder devidamente à maioria das respostas, resultando então num total de 22

entrevistas analisadas. Relativamente à escolaridade obtida no exterior, antes da entrada no sistema, a maior parte da população encontrava-se no primeiro ciclo (n=7) ou no segundo ciclo (n=8), tendo apenas um concluído o terceiro ciclo, e dois o Ensino Secundário. Um dos sujeitos refere não ter obtido nenhum grau de escolaridade, mas sabia ler e escrever, e outro concluiu um curso de formação profissional, sem no entanto se recordar a que ciclo de ensino lhe concedia equivalência.

A opção por uma população exclusiva de condenados resulta do seu maior tempo de cumprimento de pena, resultando numa maior experiência de vida prisional, e por consequência, numa maior riqueza de recolha de dados.

2.3. Análise de conteúdo

A análise de conteúdo, resumidamente define-se como uma série de instrumentos e procedimentos metodológicos sistemáticos, pelos quais o investigador descreve os conteúdos de uma dada mensagem, inferindo através dos indicadores nela presentes (Bardin, 2011). Henry e Moscovici (1968 *cit. in* Bardin 2011) alargam o domínio de aplicação deste tipo de análise, referindo que: “tudo o que é dito ou escrito é suscetível de ser submetido a uma análise de conteúdo”.

Um paradoxo que naturalmente acompanha qualquer tipo de análise de dados qualitativos depara-se com o modo de interpretação dos dados, da inferência que resulta destes, com a tentativa de não perder o “cunho pessoal” que cada um dos sujeitos imprime no seu depoimento, citando Bardin (2011, pp.90):

“De uma forma geral, o analista confronta-se com um conjunto «x» entrevistas, e o seu objetivo final é poder inferir algo, através dessas palavras, a propósito de uma realidade (...) Mas ele encontra também – e isto é particularmente visível com as entrevistas – pessoas na sua unicidade. Como preservar «a equação do indivíduo», enquanto se faz a síntese da totalidade dos dados verbais proveniente da amostra de pessoas interrogadas?”

O método de análise escolhido consistiu numa análise temática categorial, mais concretamente, numa contagem de vários temas ou itens de significação, em unidades de codificação previamente definidas (Bardin, 2011).

A codificação do material, engloba o “processo pelo qual os dados em brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo” (Holsti, 1969 *cit. in* Bardin, 2011). Para a nossa análise é necessário evidenciar o modo de como o texto obtido foi recortado e codificado, sendo as unidades de registo e contexto corretamente consideradas de acordo com o objetivo de estudo e características do texto obtido. Assim as nossas “unidades de recorte”, mais precisamente, as unidades de registo englobam o Tema, tendo como unidade complementar a Personagem. Sumariamente, fazer uma análise categorial temática consiste em encontrar diferentes «núcleos de sentido» com alguma significação para o estudo, agrupando-os e enumerando-os (Bardin, 2011).

A nível da enumeração a regra definida foi a da frequência, devido ao seguinte postulado: uma unidade de registo tanto é mais importante, quanto o número de aparições ao longo do texto (Bardin, 2011; Negreiros, 2003). É possível argumentar a escolha entre a frequência simples ou ponderada. Na primeira é simplesmente contada o número de vezes que surge determinada unidade de registo, enquanto que na segunda é atribuída uma ponderação a diferentes indicadores, mas dada a natureza exploratória do estudo e a construção de raiz de um guião não seria possível a atribuição de ponderação aos indicadores aquando a análise, daí a escolha pelo primeiro tipo de enumeração.

A nível da categorização dos dados, encontra-se em simultâneo nesta análise a presença de categorias por «caixas», ou seja categorias pré-definidas, distribuindo e inserindo o material à medida que este é encontrado³, e o processo por «acervo» no qual o estabelecimento de novas categorias resulta da classificação progressiva ao longo da análise (este método foi mais frequentemente empregue às respostas de cariz aberto) (Bardin, 2011).

³ aplicado no caso dos subtemas, mais fechados.

3. Apresentação e análise dos resultados

Esta presente secção será dividida em quatro partes consoante os quatro temas gerais abordados longo da entrevista, englobando uma série de subcategorias, destacando tanto a realidade do consumo de drogas em meio extramuros (cf. Anexo 3), como em meio prisional (cf. Anexo 4). Contudo, serão mencionadas apenas as características mais invocadas ou relevantes para a necessária compreensão e análise da problemática.

3.1. Padrões de consumo

Esta primeira categoria refere-se ao trajeto de consumo de substâncias, à sua génese e conseqüente evolução ao longo do percurso de vida dos entrevistados, englobando os tipos de substâncias consumidas, modos de administração ou possíveis tratamentos e desintoxicações.

Na sua larga maioria, o primeiro contacto dos reclusos com substâncias psicoativas inicia-se pelo haxixe (n=20; *“Fora da prisão foi...foi aos catorze anos. Andava na escola e tudo...Comecei a meter-me nas ganzas...pronto...nas drogas leves...depois das drogas leves é que fui para as duras”* - **E6**; *“Tinha 12 anos. Comecei a consumir haxixe e a beber álcool.”* – **E20**), maioritariamente entre os 13 e os 15 anos de idade (n=12; *“Comecei a fumar charros tinha catorze anos”* – **E8**; *“Eu comecei a consumir haxixe aos 14 anos, porque era uma coisa normal, pronto, era uma coisa normal”* – **E13**), sendo equivalente o número de sujeitos que começa mais precocemente dos doze anos para baixo (n=5 *“Comecei a consumir haxixe tinha para aí 12anos de idade”* – **E4**; *“Com as ganzas tinha...eu comecei a fumar ganzas tinha para aí onze anos...”* – **E7**) e dos dezasseis para cima (n=5; *“Para ser sincero...sei lá. Quê? 16 ou 17”* – **E2**; *“Ah... desde que comecei a consumir a primeira vez. A primeira vez tinha para aí 17 anos”* – **E14**). O primeiro contacto com as drogas duras, em termos de idade, realiza-se maioritariamente na fase intermédia da adolescência (16-18 anos; n= 9; *“Dos dezasseis aos dezoito, meti-me nas rodas, nas pastilhas”* – **E16**) e no início da

vida adulta (n=9; “Agora heroína e cocaína é que foi a partir dos vinte” – E5), sendo geralmente a heroína a primeira das drogas duras estabelecendo-se de seguida, o contacto com a cocaína (n=11; “A primeira vez tinha para aí 17 anos, experimentei uns charritos, mas eu não gostei muito daquilo. Depois fui para a heroína. (...) Foi a fazer os 18 anos. Consumi também cocaína. Mais forte, prontos não sei.” – E4), apesar de haver um número de sujeitos cujo contacto com a heroína e cocaína é simultâneo ou se estabelece num curto espaço de tempo não se distinguindo uma sequência (n=6; **Entrevistado:** “E eu experimentei a primeira vez... e depois da primeira vez a sensação que me deu foi “Ei, não chegou!” **Entrevistador:** “Mas isso foi de quê? Foi de pó ou foi de branca?” **Entrevistado:** “Branca. E tive que fumar logo o pó para acalmar porque eles me diziam, se não eu ia querer mais.” – E17).

A nível dos modos de consumo, o método predominante é através do fumo, quer para o haxixe como para a heroína, a nível de consumo endovenoso quase metade da população admite já o ter feito, a maior parte após uma série de anos a recorrer ao fumo (“Comecei a fumar, andei muitos anos a fumar, agora pó fim, andei um ano e pouco a injetar.” – E2 “andei para aí 5 anos no subutex (...) E ao primeiro tomava, metia debaixo da língua. (...). E, depois prontos, eu via as pessoas também a picar e tal e comecei a picar.”- E14; “Ele dividia o pacote, o meu irmão, às vezes comprava para os dois (...) ele dividia, ele picava nessa altura e eu fumava (...) eu ficava a ressacar (...) e era assim, piquei-me nove meses.” – E16; “Primeiro comecei por fumar na prata e depois comecei a injetar “ – E18). De referir que mais de metade, refere ter consumido ecstasy, ou outras pastilhas, a par com as drogas já referidas, sendo o seu uso de cariz recreativo, exclusivo a festas (n=12; “Era aos fim-de semana, praticamente. Ecstasy, cocaína, era mais aos fim de semana. Quando ia a festas, quando cheguei a estar a vender mesmo, vender mesmo forte, porque tinha um fornecedor holandês. E era aos fim de semana, quando havia festas.” – E9) e uma minoria refere ter experimentado ácidos (n=4; “só uma vez (...) vi as candeeiras a vir ter comigo, alucinações e depois cheguei a casa e só pedia, oh meu Deus, para aquela moca me passar.” – E17; **Entrevistador:** “E ácidos?” **Entrevistado:** “Também, já não dizia coisa com coisa, parei.” – E21.)

A quase totalidade dos sujeitos refere que a determinado ponto do seu percurso, mantinham um consumo de substâncias diário, variando bastante entre si na quantidade utilizada (“Havia dias que consumia uma grama, havia dias que consumia duas, havia dias que consumia, sei lá, dois ou três, conforme” – E2; “Tinha fases de consumir uma,

duas vezes por dia...” – E10; *“Gastava uma média de 200/300€ por dia”* – E18; *“A minha frequência de consumo dava uma média de 4/5 pacotes, todos os dias”*- E23). A obtenção da droga é pela compra (*“Era comprada, só. Ia aos bairros onde vendiam mais droga e comprava...antes comprava já tudo embrulhado, como chamam os “pacotes” e “bases”, eu não comprava assim, eu comprava já em bruto, às gramas...para mim valia mais às gramas do que comprar assim, aos “pacotes” e “bases”, porque para os “pacotes” e “bases” não rende, no tempo que eu estava lá fora não rendia nada”* – E7; *“Ou fazia negócio. Roubava, fazia negócio. Davam-me em droga em vez de dar-me em dinheiro”* – E21), havendo apenas dois sujeitos que admitem tentarem roubar o produto diretamente aos traficantes (*“Eu já cheguei a roubar! Sabiam que eu era um cliente certinho, que nunca falhava, que tinha sempre muito dinheiro, tinham confiança, até que um dia eu não tinha dinheiro e fui lá à noite. Eles meteram-me a droga na mão e eu arranquei com o carro. E depois fui lá ao outro dia de manhã, a seguir, e fui lá comprar...”* – E19). Relativamente aos locais de consumo, são poucos os consumidores a manifestarem preferência por consumo no exterior (n=3; *“Lá fora (...) Ou dentro de um banco velho ou num carro quando ia buscar com um amigo meu ou quando ia sozinho no carro, ou assim”* – E14.), escolhendo os interiores (n=10; *“Eu até quando injetava eu nem para as casas de banho ia, aí era mesmo em casa. Aí sim, só mesmo em casa, nunca fiz nada em lado nenhum. Só mesmo em casa. Cheguei a ter crises, como se dizem, de ressaca e por aí fora e prontos e aguentar e chegar a casa mesmo para fazer aquilo.”* – E13), ou não diferenciando entre ambos (n=9) exibindo também uma tendência para o consumo em convívio (n=13; *“Sempre acompanhado, sozinho não conseguia. (...) Ficava a olhar para aquilo e fazia-me nojo.”* – E17; *“Ultimamente era sempre acompanhado. Dificilmente era sozinho, era sempre acompanhado.”* – E19), em detrimento do solitário (n=2; *“Sempre consumi sozinho.”* – E11), existindo também alguns indiferenciados (n=7; *“Eu consumia ou em casa de amigos, ou então...nos encobertos que os drogados tinham cá fora, que era para as suas casas ali na rua... Ou consumia aí nessas casa ou então ia para minha casa consumir...sem os meus pais estar lá”* – E7).

A nível do contexto prisional, é possível observar que a maior parte destes indivíduos, a determinado ponto do cumprimento da pena obtinham as mesmas substâncias consumidas no exterior, se bem que em quantidades muito mais reduzidas. As drogas mais utilizadas são o haxixe (n=17) e heroína (n=20; *“Consumia pó, também*

já fumei haxixe claro, branca nunca fumei.” – E14), sendo o consumo de cocaína mais limitado, segundo alguns dos consumidores devido ao seu preço acrescido (*“Não, aí [prisão] só era heroína, que a cocaína era muito mais cara, é verdade.”* – E2). Foram também detetados dois casos de abuso de subutex, num dos quais o primeiro contacto com esta substância ter sido atrás das grades (*“Depois vim preso e quando me deparei com a situação, não tava bem com a realidade de mim, não havia cocaína naquela cadeia [EPR Guimarães], só havia subutex, que é uma medicação que substitui a heroína, em comprimido, e eu comecei a snifar subutex, como os outros reclusos que estavam presos quando andavam na vida, eles diziam “dás aqui um riscos de subutex ficas bem”, e eu entrei completamente enlouquecido e tava completamente maluco.”* – E1), tendo outros dois reclusos reportado ter contactado com heroína pela primeira vez enquanto detidos (*Mais tarde quando vim preso é que comecei os consumos de heroína.*” – E22).

Relativamente à frequência, a maior parte dos sujeitos revela, que a dada altura, mantinham um consumo diário (n=12; *“Duas, três vezes, quatro, cinco, era as vezes que desse. (...) Todos os dias”* – E1; *“Ah! Eu quando estava em Custóias era todos os dias.”* – E11), ou pelo menos com uma periodicidade relativamente estabelecida, e que apesar das quantidades marcadamente reduzidas, muitos dos consumidores referem que se aguentavam conforme o disponível (*“Era pouca, era de cinco a seis pacotes por dia. Às vezes era dois, às vezes era três. Depende, conforme eu conseguisse arranjar.”* – E19).

O consumo fumado permanece como o mais comum para todas as substâncias, tirando o caso do subutex, no entanto verifica-se também a existência da partilha de seringas na prisão (*“Já caldeei. Três vezes só. Só três vezes. Três vezes mesmo...porque se eu soubesse que ia ficar com a seringa eu ia arruinar mais a minha vida como tinha arruinado lá fora. E eu sabia...Aqui é raro encontrar...é raro? Não é. Mas numa pessoa do meu nível é raro. Há quem consiga mais rápido com mais dinheiro, mas como eu não sou uma pessoa de muito dinheiro...Aquilo foi, até foi dado. E eu sabia que para caldar com aquela máquina, ia ser outro a caldar com também com aquela máquina. E mesmo assim já fiz um estrago: caldava os dois com a mesma máquina. Graças a Deus não tive nada. Tive Hepatite C, curei-a aqui dentro da cadeia. Não tenho nada, estou limpo, graças a Deus. E foi isso, basicamente.”* – E8). Um outro recluso explica como uma seringa é um objeto que, apesar de possível obtenção, encontra-se fora do alcance de um consumidor normal dentro da cadeia (*“É, e você não encontra assim com*

facilidade. Se tiver dinheiro encontra. Se tiver dinheiro tem tudo o que quiser cá dentro. É como uma pessoa lá fora. Tem tudo o que quiser, mesmo. Só que, só o trabalho que isso dá a uma pessoa que consome... por exemplo, eu agora não consumo, se calhar até me dava ao trabalho de arranjar uma seringa e tal, mas na altura, quando uma pessoa consome e está no estado de andar a consumir não tem cabeça para...” – **E13**).

3.1.1. O abandono do consumo

Muitos dos participantes referem que a determinado ponto passaram por períodos variados de abstinência das drogas duras, cuja duração pode variar entre semanas até largos anos, um dos quais conseguindo manter-se abstinente quase uma década, recaindo aquando a sua entrada para o sistema prisional (“*Não aí parei. Construí a minha família: tenho dois filhos e duas filhas...pronto, construí a minha vida. Depois passados uns anos e que tive outra recaída. (...) Foi mais ou menos dos vinte e três até aos trinta.*” – **E5**; “*O primeiro tive cinco anos sem consumir. O segundo não posso precisar, não foram...o mais longo foi o primeiro: foi cinco anos e pouco sem consumir.*” – **E9**).

Relativamente a programas de tratamento, é possível afirmar que existe uma tendência para o ingresso em vários programas, marcados por uma eventual desistência ou rápida recaída após a sua conclusão (“*Para aí 5 ou 6 tentativas que até cheguei ao ponto de querer mesmo tratar e a minha família não se acreditar. E foi uma amiga que me ajudou, porque a minha família já não se acreditava (...) Fugia sempre, uma vez, duas vezes, três vezes e a minha família chegou a um ponto... depois quando eu queria mesmo me tratar, que foi quando andei a tomar um ano subutex.*” – **E15**), muitas vezes explicada pela rede social ou o local de residência ao qual estes sujeitos voltam após o seu regresso (“*E todas que tive sucesso na altura [tratamentos]. Mas depois se a gente não deixar de frequentar o meio e as amizades que tem, mais dia ou menos dia... uma pessoa anda em baixo por qualquer motivo e volta a meter-se naquilo e a culpar os problemas que teve para dizer que se meteu naquilo. Todo o toxicod dependente é assim! É mentiroso, estou a falar de ser sincero...*” – **E10**). Já em meio prisional, o número de programas acedidos já é mais reduzido, geralmente, não ultrapassando as duas tentativas (n=17), existindo apenas um caso em que este número sobe para cinco (**Entrevistado:** “*Na cadeia fiz cinco vezes. É a quinta vez que estou preso a fazer tratamento*” **Entrevistador:** “*Então é um tratamento por cada prisão.*” **Entrevistado:** “*É.*” – **E14**).

De realçar, que alguns reclusos consideram o ingresso no sistema prisional como que o seu estímulo para o abandono efetivo do consumo, ou pelo menos a salvação da degradação extrema⁴ (*“Lá fora, há um ditado que dizem “há males que veem por bem”, o meu mal foi vir preso, mas ainda bem que vim preso, porque ao vir preso parei de consumir, procurei tratamento, e... como vou explicar? Amadureci, fui abrigado a amadurecer, e obrigou a aprender a muita coisa, ter calma, principalmente a ter calma, paciência, era uma pessoa muito impulsiva, agia muito por impulso, agora já não.”* – **E1**).

No momento da entrevista alguns dos reclusos que exprimiram encontrarem-se em abstinência de todo o tipo de substância psicoativa, no entanto existe também um grupo que mantém apenas o consumo de haxixe (*“Pronto, fiz o tratamento e parei...com as drogas, com as drogas duras... As drogas duras. Agora, pronto, fumo ganza, pronto. De vez em quando fumo.”* – **E6**), argumentado que essa substância sendo uma droga leve ainda lhes dá prazer ou que simplesmente não acarreta dependência (*“Agora ganza isso aí é normal, não é?”* – **E23**).

Os motivos para o afastamento em relação às drogas variam bastante, mas o mais evocado é o abandono por causa de motivos familiares (n=8; *“Os meus pais. A situação que eles estão agora, as dificuldades por que estão a passar, as doenças que já eles têm.”* – **E2**; *“Foi a minha mulher e a minha filha. Foi as únicas que me...Olhei mesmo para trás... não olhei para trás, eu olhei para a frente e vi... não, é assim, tinha duas opções: ou a morte ou a vida. Eu tenho amor à vida. Tenho medo à morte. Apesar de nós estarmos aqui, há uns que mostram que não têm medo à morte mas borram-se todos da morte. Eu tenho medo à morte. Apesar de já ter muitas vezes a morte à minha frente, mas tenho medo à morte. E eu optei: eu quero a vida. E a vida é a minha mulher e a minha filha.”* – **E8**). Outros motivos que se seguem são: a desmotivação com os consumos no seu geral (n=3; *“Pronto é assim... Já estava farto dessa vida... Fui preso a segunda vez... Já estava farto disso. E da primeira pena que estive a cumprir nunca me meti no programa de metadona, nunca quis porque tinha medo. E desta segunda vez entrei em 2005, em 2006 entrei no programa de metadona. Nunca passei das vinte e cinco...entrei com vinte. Estive lá em baixo, em Custóias, a tomar vinte, vim para aqui e tomei vinte e cinco. Depois foi sempre a baixar. Por iniciativa própria o ano passado,*

⁴ A noção da prisão como *a cura*, está patente em Cunha (2002), que no entanto realça que de entre os dois dispositivos de controlo da droga e tratamento para o consumo: o médico-psicológico e o policial-judiciário, o primeiro abrangendo um leque de extratos sociais alargado, o segundo incide essencialmente sobre extratos sociais mais baixos e desfavorecidos.

*em fevereiro, deixei de vez. Pronto. É basicamente é isso. (...) Estou farto da vida da droga. Já desde 2000 que estou preso. Estou cheio de drogas, estou cheio de tudo. Eu quero levar mas é uma vida nova. Já tenho uma neta. Quero mas é levar uma vida nova, sair daqui para fora.” – E5); a droga ter levado à delinquência e o desejo atual de um afastamento a um estilo de vida delinquente (n=4; *A maior motivação é tentar me limpar, porque comecei a pensar, é assim, foi isto que me levou cá...foi isto que me levou cá e é isto que me está a estragar a vida e eu não tenho vida para andar nisto e quero sair disto o mais rápido possível...E mesmo metadona já estou a reduzir, quero acabar com isso também.” – E9); questões de saúde (n=2; “Foi ver que eu se continuasse nesse caminho ou acabava a minha vida na cadeia ou acabava no cemitério.” – E19); estigma social associado aos consumos (n=3; “Não era a vida que eu queria. Gostava... e para já é dispendioso, faz mal à saúde, e depois é-se falado, é-se conhecido porque quem consome droga aqui as pessoas sabem, os guardas sabem, e eu quero ter precárias, queria ter... pronto, queria ter as minhas coisas e metido na droga não há hipótese. Não há nunca nada. E tem que haver uma altura que a pessoa tem que dizer assim “oh pá já chega”, eu já sei o que é, já bati no fundo, já não me diz nada, já me chegaram a oferecer e eu ver não é?” – E11); e por último, motivos financeiros (N=1; “a minha maior motivação. A minha maior motivação foi ver que não tinha assunto. Eu destruí milhares de euros. Milhares mesmo. Os 7 meses que andei fugido, aproximadamente 84 mil contos. Em 7 meses. Comecei a fazer essas contas e o que me levou... mesmo na vida que andava e esqueci-me das drogas. E deixei de consumir, porque não se justifica. Uma pessoa quando está na droga não dá valor. Estava a gastar uma média de 1500 euros por dia. Isso não é dinheiro sabe. 1500 euros por dia é o dinheiro que uma família tem para gastar.” – E15).**

3.1.2. As substâncias de preferência

A droga mais utilizada ao longo do trajeto do consumidor poderá não corresponder à droga que este prefere consumir, e foi precisamente com esta questão que se abordou os reclusos acerca das substâncias das quais eles contactaram, qual seria a sua droga de eleição, e tentar explicar os seus motivos.

Não surpreendentemente, uma boa parte dos sujeitos refere o haxixe como a sua preferida, associando o gosto pelo seu efeito ao facto de não causar dependência ou ressaca, muitas vezes associada com outras drogas, especialmente heroína (n=5;

“Porque o haxixe não vicia e é uma moca diferente que o pó, que a heroína e que a cocaína. É diferente. Ainda hoje consumo haxixe. (...) O haxixe dá para a gente...a moca do haxixe dá para a gente se rir, dá fome... (...) Pronto. E agora as drogas pesadas, é assim, a gente consome, no outro dia de manhã já lhe dói as costas à gente. É mal-estar, é vômitos, dói-te as costelas. Começa a doer tudo. (...) Não, não compensa. Tenho que ir logo roubar para tirar a ressaca. É caganeiras, é tudo. Dá tudo. Tudo o que pode aparecer no corpo começa logo a aparecer tudo, dores por todo o lado. Enquanto não tomar aquela vitamina nunca mais passa. há de passar, durante uma semana se não tocar nela...mas sofres ali como um cão, mesmo.” – E7). Um dos sujeitos além de associar estes efeitos ao haxixe, acrescenta ainda que é uma substância monetariamente mais viável (*“Porque, como é que eu lhe hei de dizer, não cria dependência física, a nível monetário muito mais barato, para mim, uma pessoa até que tenha prazer isso funciona até com uma pessoa ir a um café pedir uma cerveja” – E13).*

Já ao nível das drogas mais duras, encontra-se uma clara preferência pela cocaína (n=9), em detrimento da heroína (n=4). Os reclusos descrevem o efeito euforizante como o motivo da sua escolha (*“Shh... a coca dá um ar que a heroína, dá um ar mais forte acho eu (...) Dá mais energia é isso.” – E2; “Já gostei da mistura, mas depois ultimamente comecei a experimentar branca (...) Dava mais força. Sabe que a branca dá calor a uma pessoa. (...) O pó não, o pó uma pessoa apanha uma moca. Ora bem, quem não ressaca, quem consome a primeira vez, o pó dá uma moca, até pode adormecer e dar comichão. Depende do pó não é? E uma pessoa se ressacar tem que consumir para tirar a ressaca, para tirar as dores e depois consome mais, dá moca. Enquanto a branca já não é, a branca já não é assim. A branca a gente consome e dá um calor, dá uma energia ui jesus...” – E14).* Um dos reclusos enumera o ecstasy juntamente com a cocaína como as suas drogas preferidas, devido à ausência de dependência física, o carácter recreativo do consumo nas festas e os efeitos energéticos das duas (*“A droga qua mais gostei? Era...ecstasy e cocaína. Cheirada (...) Porque...sei lá. Porque me punha bem, porque me abstraía de tudo, não sei. Punha-me mesmo bem. Por mim heroína é... aquela rotina de... às vezes nem se dorme de noite só de pensar como é que se vai arranjar o dinheiro para a dose do outro dia; enquanto o ecstasy não, o ecstasy sabes que no fim de semana tens uma festa e chegas ao fim de semana e vais curtir, e curtes e estás bem, arranjas uma miúda, vais curtir, sais, passas a noite, e pronto. No outro dia é...continuas a tua vida normal. Enquanto que a heroína não, a heroína tem que ser todos os dias.” – E9).*

No caso da heroína, apesar desta ser a droga mais consumida, é aparentemente a menos preferida dos consumidores, devido aos motivos já expostos, no entanto aqueles que a elegem citam razões variadas como o seu efeito, o facto de ser barata, a dependência de outras drogas ser pior ou até o facto de ela tirar a sua própria ressaca (*“Como é que eu lhe vou explicar... quem consome heroína tem que consumir todos os dias... (...) mas eu acho que a preferida é mesmo a heroína. (...) claro, eu gosto mais dos efeitos da heroína, mas não consigo estar assim a justificar um motivo assim...”* – **E4**; *“ Porque a heroína põe uma pessoa mais tranquila, mais à vontade; agora a cocaína não, a cocaína explode a cabeça. Uma pessoa não pode ouvir uma pessoa a berrar mais alto...que uma pessoa vira-se logo á pessoa, começa logo a ficar nervoso...e quer silêncio. Uma pessoa não pode estar ali a olhar para aquele e a ouvir a conversa daquele, que uma pessoa fica logo todo baralhado...aumenta mais o som na cabeça, a sensação na cabeça...e a pessoa está com aquela ansiedade de querer fumar mais e...pronto, fuma outra vez. A heroína não, a heroína fuma um pacote agora e está todo o dia sem fumar; agora a coca não, a coca fuma agora e daqui a cinco ou dez minutos tem que fumar outra vez...”* – **E6**).

3.2. Influência dos contextos

3.2.1. Escolaridade e meio laboral

Quando questionados sobre o consumo de drogas em meio escolar, a maior parte dos inquiridos menciona que não existiu interferência das drogas no seu desempenho escolar, seja por já terem abandonado o meio escolar aquando o início do seu percurso de consumo (*“Ora, tive até à 4ª classe, era muito malandro. Não gostava da escola. A minha mãe levava-me a pé, até batia-me e saí da escola aos 13, ia fazer 14 anos.”* – **E14**), ou que os consumos de droga iniciais, nomeadamente com haxixe, não interferiram significativamente (*“Não, não... mas aí aos catorze, quinze anos era aí um charrito que a gente fumava, de longe a longe, não eram drogas duras.”* – **E5**). Já uma menor parte considera que o seu contacto com as drogas foi fulcral para o seu insucesso escolar (n=4; *“Veio, veio. Porque, prontos comecei a fumar, com tabaco comecei aos 9, 10 anos e depois também na escola não dava muito, eu fui praí com 13 anos para o quarto ano, tive quase três anos para fazer dois anos, e fui quando meti-me no haxixe. Meti-me no haxixe, já não queria saber das aulas, só queria jogar futebol e fumar*

charros. E nessa altura já tinha começado a trabalhar, que com 12 anos já tinha começado lá a trabalhar para um vizinho meu na oficina (...) Comecei a comprar os meus 500 escudos de ganza, depois cheguei a uma altura 14, 15 anos, virei-me para a minha mãe “Mãe olha escola não dá, já chumbei duas vezes no quinto, estou sujeito a chumbar agora no sexto, quê? Vou trabalhar que isto não dá, quero é trabalhar”, já recebia uma gorja, já dava para comprar a minha ganza...” – E16).

Já na gestão dos consumos com a atividade laboral, a maior parte dos sujeitos refere consumir substâncias antes e após a jornada de trabalho (n=7; **Entrevistado:** “Antes de ir trabalhar tinha que consumir, se não, não ia. Uma pessoa tende a ressacar não vai a lado nenhum, que é mesmo assim. Então tinha que fumar para poder ir trabalhar.” **Entrevistador:** “Mas no trabalho não fumava?” **Entrevistado:** “Não. Enquanto tivesse no trabalho não fumava. Quando vinha para casa já começava a sentir e já fumava.” – E3). Uma outra parte dos sujeitos refere consumir preferencialmente antes do trabalho (n=5; “O meu dia normal... eu trabalhava da parte de manhã, ao meio-dia ia comprar, fumava e ia trabalhar outra vez de tarde...a minha vida era essa. Consumia uma vez por dia ou assim.” – E5), sendo uma minoria aqueles que habitualmente consumiam no próprio local de trabalho (n=3; “Porque eu marcava uma hora e eles iam lá ter à obra, onde eu trabalhasse, e eu desmarcava-me e ia ter com eles (risos). Dizia a eles para virem perto da obra, eles vinham, telefonava e vinham...A gente caçava o patrão distraído e - “psst”- ia lá ter.” – E6) ou que consumiam unicamente após a conclusão do dia de trabalho (n=2; “não, à saída. Era sempre à saída. Saía do trabalho por volta das onze e meia, meia noite, ia ao Aleixo, comprava, antes de chegar a casa fumava para a rapariga não ver, prontos e ela começou a desconfiar... até que um dia apanhou-me em casa a fumar no quarto de banho e foi logo, prontos... foi um para cada lado.” – E19).

3.2.2. Tipologia criminal

Numa tentativa de enquadrar os participantes do estudo num dos três tipo de trajetória desviante relativa ao eixo droga-crime, recorreu-se à informação obtida ao longo da entrevista, assim como se questionou diretamente os sujeitos, acerca da sua opinião da relação entre os seus delitos e o seu contacto com a droga. De acordo com a informação obtida, a maior parte dos sujeitos demonstrou apresentar características do Tipo III, o toxicodependente/delinquente (n=10; “Não, não. Estou preso por roubar, porque não tinha dinheiro para as drogas, o meio de arranjar dinheiro foi roubar.” –

E9), estes sujeitos caracterizam-se por um trajeto desviante marcado essencialmente pelo consumo de drogas, cujos delitos cometidos são de origem aquisitiva para a manutenção da sua toxicod dependência. O delinquente/toxicod dependente, o Tipo I, mostra-se como o segundo trajeto mais relevante (n=5; **Entrevistado:** “Roubava. Eu antes de ir roubar tinha de fumar, que era para dar mais coragem. Mas não... é assim, eu quando fumava drogas eu....quando eu ia roubar eu fazia assaltos a cafés, a restaurantes, a ourivesarias...tudo de mão armada. E então...porque é assim, eu entrava em restaurantes, há muita gente lá a comer, a beber e isso tudo. Há sempre crianças e isso tudo. E há sempre aquelas crianças que começam a chorar e intimidam mais...não é intimidam, a gente fica mais frágil de ver aquela criança a chorar...mete impressão. Agora com as drogas, eu entrava no restaurante e já era capaz de ver uma criança a chorar e pegar na mãe e “oh, agarra-me...cala a tua filha...”, e metia a mãe e a criança dentro de uma casa de banho, que era para não ouvir os berros delas, que começavam-me a incomodar, ou então era “tu vais fazer mal às pessoas que estavam lá dentro”, eu para isso não acontecer fechava-os todos na casa de banho, que é para eu não ouvir nada. (...)” **Entrevistador:** “Então era basicamente isso: as drogas serviam para dar coragem.” **Entrevistado:** “Para dar coragem.” – **E7**), estes sujeitos apresentam um trajeto de delinquência precoce e continuado, onde o consumo de drogas apresenta um caráter secundário ao seu estilo de vida desviante. Por último os especialistas droga-crime (n=4; **Entrevistado:** “Aaaaa...dava, dava para as duas coisas. Dava para as duas coisas. Durante o dia vendia droga e à noite estava em casa. Ia para casa... nove e meia, dez horas ia para casa.” **Entrevistador:** “Mas iniciou-se no tráfico devido ao consumo?” **Entrevistado:** “Exatamente.” – **E6**), estes sujeitos caracterizam-se pela sua dualidade, ao aproximar comportamentos delinquentes com a área da droga, muitas vezes na forma do tráfico.

É preciso notar que a discrepância destes números, com os avançados por Agra e Matos (1997), explica-se pelo enviesamento causado na escolha da população para o presente estudo, abrangendo com mais facilidade a população com um percurso de toxicod dependência mais pesado.

3.2.3. As diferenças para com a cadeia

Quando questionados sobre quais as maiores diferenças que encontravam entre o consumo de drogas em meio livre e o consumo em meio prisional, a maior parte dos

reclusos enumera, essencialmente, dois tipos de distinção: a disponibilidade do produto e a sua qualidade.

Dos reclusos que apontam a disponibilidade às drogas como uma diferenciação dos dois contextos (n=13 “*Muita [diferença entre consumo de rua e de prisão], que lá fora não faltava. Lá fora tinha aos meios quilos e por aí fora. E aqui dentro não, não havia sempre.*” – E2), alguns afirmam que o acesso ao produto está apenas limitado por constrangimentos económicos, devido a preços mais inflacionados (n=9; “*Ora bem, pá... lá fora... ... aqui dentro sabe-se que se estiver com dificuldades em fumar isto ou aquilo, sei que passado X segundos, X minutos, se tiver a guita no bolso que a coisa que aparece. Lá fora, às vezes, já me aconteceu a mim de andar horas e horas e horas para conseguir uma dose ou duas, ou três. Gastar um depósito de gasolina para conseguir. Aqui no meio é mais fácil. No meio onde estamos inseridos é mais fácil. Eu estou-lhe a ser sincero.*” – E10; “*Lá fora é mais bem servido que aqui dentro. As quantidades lá fora é muito melhor. Aqui dentro quem fuma disso está a dar dinheiro. É botar dinheiro fora! Que anda aí a fumar... eu penso assim! Lá fora também é, mas não se compara lá fora cá para dentro! Não tem nada a ver. Lá fora somos mais bem servidos do que aqui dentro. Eu pelo menos no lugar deles não a comprava que não vale a pena. Isso é botar dinheiro fora.*” – E19).

Muitos destes reclusos falam da insustentabilidade dos consumos em meio prisional, precisamente devido às limitações inerentes da procura por um produto limitado num contexto relativamente fechado (“*Oh! Tem de ser de longe a longe porque a gente não tem vida. Se é uma pessoa que tem visitas todas as semanas e a família traz dinheiro ou tabaco, ou cartões... que tem dinheiro para a gente... ter no dia a dia. Agora uma pessoa que não tenha visitas, não tenha nada, tem que fumar de longe a longe.*” – E5; “*Cá dentro a gente se não tiver dinheiro para comprar a droga começa a vender nossas coisas pessoais...começamos a vender tudo, cá dentro...tudo, tudo, tudo o que dê para fazer dinheiro a gente vende tudo, cá dentro. Lá fora não. Lá fora a gente só precisa de roubar. Já não vende nada que é nosso.*” – E7; “*E não dá fumar a toda a hora. Vejo aí gajos a toda a hora a fumar, em qualquer lado, vai o guarda a passar leva com o cheiro do fumo, nas celas, no recreio, fumam em qualquer lado. E não dá, doutor, até porque a minha família não está com tantas posses para me ajudar, e aqui fica um bocadito caro. E já não tenho tanta visita, uma vez por mês e agora nem vou ter isso. E é só confusões, sabe como é... dívidas*” – E16). Assim, pode-se, de certa forma, depreender que ao contrário do meio exterior, que apesar dos seus “pontos quentes” de

tráfico e de consumo⁵, que se caracteriza pela sua dispersão geográfica na mancha urbana e droga com preços mais acessíveis, o meio prisional apresenta a realidade oposta, onde a oferta se encontra concentrada num pequeno espaço, no qual o recluso vive, não obstante de custos significativamente maiores.

A outra grande distinção é ao nível da qualidade das substâncias, onde os participantes relataram a existência de droga muito mais adulterada dentro da prisão (n=10; *“Há, a qualidade há claro que sim. Que eles aqui, eles aqui, pronto, metem.. se meterem a droga como vem lá de fora podem-lhe meter outro tanto de traço, de mistura, para ganhar dinheiro, não é? E fica a droga má, e se só há aquilo é aquilo que se tem que consumir. E às vezes nem é a droga que nos põe mal, é as misturas que eles lhe metem.”* – E9; *“A nível da droga, aqui dentro é mais fraca como é óbvio. De resto não tem mais nenhuma diferenças.”* – E15).

3.3. Experiências marcantes

Um dos focos mais essenciais deste trabalho debruça-se sobre a questão do que torna então o consumo de drogas numa cadeia singular em relação a outros contextos, procurando evidenciar determinados acontecimentos, atitudes ou sentimentos prováveis de emergir quando o sujeito tem de lidar com a sua própria toxicod dependência (e de outros) num contexto limitador e controlador que é a prisão, onde a conflitualidade não só com o pessoal administrativo e de vigilância, mas também com a restante população reclusa é uma possibilidade.

Observou-se que para além de uma série de experiências próprias de cada contexto, existe também uma transversalidade de temas, pois ao contrário da visão clássica do encarceramento, onde se tenta o corte total com a realidade exterior⁶, existe uma permeabilidade da prisão para com a realidade envolvente, que influencia a vida

⁵ Também traduzíveis em territórios da droga, na conceção de Luís Fernandes (1993), distinguíveis entre territórios leves e territórios duros. Resumidamente, poder-se-á considerar que nos territórios leves, caracterizados pela subcultura da ganza, o fenómeno droga é apenas um dos aspetos constituintes da vida do bairro, dos seus habitantes e frequentadores. Nos territórios duros, estes já caracterizados pelo mercado das drogas duras, apresentando o *junkie* e o *dealer* como figuras muito próprias, onde a questão da droga toma uma posição central que condiciona, essencialmente, as vidas dos atores inseridos nesse espaço, e as perceções e atitudes dos exteriores a ele.

⁶ Remetendo para Gonçalves (1990), que aponta a própria estrutura arquitetónica do EPPF, e por sinal, de tantos outros estabelecimentos prisionais, que causa ao observador externo essa sensação de rutura, como se a prisão fosse um mundo virado para si próprio.

dos atores prisionais, assim como quem diretamente contactam, sejam família, amigos ou vizinhos, numa aparente erosão das fronteiras prisionais (Cunha, 2002).

3.3.1. Conflitos com outros consumidores

Alguns sujeitos revelaram que ao longo do seu percurso de vida algumas das suas interações com outros consumidores foram pautadas pela divergência, especificamente através da fraude (*“Lá fora já, lá fora já. Lá fora havia alturas que a pessoa tentava fazer-se à vida e tentava enganar outros consumidores, com comprimidos ou com bolacha esmagada, e era assim que também às vezes nos fazíamos à vida. E isso dava conflitos. (...) Uma altura vendi a um gajo, era branca, aquilo era comprimido, mas parecia mesmo branca. O gajo caiu, ele tava a ressacar, vendi-lhe dois contos ou três. O gajo no outro dia andava atrás de mim, com a faca assim. Tava no parque a estacionar, ele tava a sair da carrinha e queria-me espetar a faca. E eu, olha este por dois contos ou três quer-me espetar a faca. Tá bem, tem razão, comi-lhe o dinheiro ao homem, se calhar ele também estava a ressacar, mas eu estou sempre aqui nas horas, sou daqui, olhe tive que me fazer à vida, e eu enganei o gajo. (...) Tive que me impor foi lá ao parque, encontrei uma viga de ferro. (...) O gajo depois desistiu” – E16).*

Já entre grades os conflitos entre consumidores prendem-se com a falta de produto e a necessidade desesperada de acalmar a ressaca (*“Já vi um gajo a esfaquear um gajo todo por causa se um pacote, só por não ter dado duas passas ou três dum pacote...O gajo estava a ressacar, pediu...o rapaz tinha um pacote, o outro estava a ressacar, esse que estava a ressacar pediu duas passas ao que tinha o pacote; e o que tinha o pacote também estava a ressacar e aquele pacote ainda ia ser pouco para ele, então dar duas passas ao outro que também estava a ressacar...já era muito...o pacote já era pouco para ele...e então esse rapaz disse: “ouve lá, estou também a ressacar, não vou estar te a dar duas passas tu e vou fumar outras duas e vamos ficar os dois outra vez a ressacar. Eu prefiro fumar isto tudo sozinho, fico eu bem, do que estar os dois a ressacar na mesma. O outro rapaz não entendeu isso bem, olha, deu-lhe para aí duas ou três facadas...Ficou logo estendido no chão. Há cenas assim maradas...aqui dentro que acontece por causa da droga. Nem é bom. Contado é naquela, agora visto é que é mesmo.” – E7).*

3.3.2. Conflitos com traficantes

Seja em liberdade ou durante o cumprimento da pena, uma das experiências mais relatadas pelos sujeitos refere-se a conflitos com traficantes. Estes conflitos, geralmente de natureza comercial, têm a possibilidade de rapidamente escalar para situações de violência extrema (*“Já, já. Lá fora tive, um desagrado com prontos, não sei se posso dizer, com... com um traficante grande, espanhol, que chegou a ameaçar de morte a mim, à miúda que eu estava, e à menina que ela tinha. Na altura a menina tinha 4 ou 5 meses, se não pagasse o que devia. (...) Foi, foi, que tive que andar fugido até. (...) Mas depois foi resolvido. Através de outros familiares dele foi resolvido.”* – **E2**).

Uma situação muito própria da cadeia são as dívidas incorridas no seu interior, onde é particular a rápida acumulação de juros, frequentemente criando no devedor a necessidade de contrair diversos empréstimos dentro da economia prisional, ou comprar fiado a vários traficantes simultaneamente, apesar dos grandes riscos que para si (ou para familiares no exterior) acarretam (*“Ah isso já se sabe, isso é como tudo, lá fora uma pessoa pode ficar a dever uma semana, duas que ninguém liga a isso, e aqui dentro não, é mais cem menos cem. Aqui dentro uma pessoa compra uma grama 40 euros, desde o momento que diga pago X dia, se não pagar nesse X dia eles não querem saber. Olha não é 40, é 80. E no dia seguinte tens 80? Não! Está sempre a dobrar.”* – **E15**; *“Está a pagar muito mais e se não paga, vai dobrar, vai triplicar, vai quadruplicar, vai levar na cara, vai... (...) e lá fora não se fia, lá fora o traficante dá-lhe fiado? Não dá! Aqui dentro fazem isso porque sabem que podem e sabem a quem fazem, porque há aí um, que não adianta falar do nome, mas havia um que chega lá e pede fiado e não lhe dão. Porque sabem que se lhe derem fiado o que lhe vai fazer? Não vai fazer nada. Mas há aí outros que eles até a metem no bolso que eles vê-los a ressacar, metem-lhes no bolso porque sabem que vão-lhes pagar, mais dia, menos dia, a dobrar ou a quadruplicar...”* – **E17**; *“Geria porque como eu disse aqui não falta e quando se está mal, vai-se bater na porta ao lado que já se tira a ressaca... nem que se pague daqui a uma semana a dobrar se for preciso, ou a triplicar e assim...”* – **E18**).

3.3.3. As forças de segurança

Muita das atitudes para com as forças de segurança são caracterizadas por sentimentos de desconfiança, ou até mesmo hostilidade, no entanto, está patente também um aspeto marcado pela cooperação, mesmo sendo que seja ilícita (*“Sim,*

risco neste caso não é assim muito. Eu por acaso aqui atrasado consegui meter-me numa coisita. Só que não faz falta isso. Eu antes prefiro arriscar do que lidar com os bófias. Mas há pessoal que lida com os bófias e... entrega dez telefones ao bófia, cem contos e ao fim está tudo cá dentro. Eu é que não me dou com essa gente, porque eu sou bandido e eles são bófias, pelo menos tem uma farda, agora se são bófias ou se não são isso não sei. Agora eu, só jogo num campo, não jogo em dois campos.” – E15; “O que eu tenho a dizer sobre as drogas é que são os funcionários que metem a droga cá dentro, é o que eu tenho a dizer... são os guardas, são os funcionários que trabalham aí... é o que eu lhe posso dizer... pode às vezes pelas visitas entrar um bocadinho mas não é pelas visitas que entram quilos de heroína. Ninguém vai trazer 1kg de heroína no meio da roupa. Como é que passam quilos e quilos, só pode ser os guardas e os funcionários.” – E18).

3.3.4. Más trips e overdoses

Alguns sujeitos dizem que passaram por algumas situações mais bizarras, todas estas passadas em liberdade, seja alucinações ou “sustos”, sendo um tema recorrente alucinarem com a polícia (“*Tinha um grau de pureza muito maior do que aquilo que eu pensava. E eu meti mas nem consegui dar tudo. A meio do caldo estava a ver o braço assim... só tive tempo de pousar a seringa e assustei-me. Fiquei ali meia hora assim meio perdido. Estava sozinho e estava assim. Queres ver, olha, vou ficar aqui... assustei-me, foi a única vez que me assustei e nunca mais me esquece porque foi um susto grande.*” – E11; “*E há muitos que diz está ali um policia, está ali uma pessoa, está ali outra... isso são paranoias deles (...) São paranoias, são paranoias... e depois se for picada ainda é pior porque vai direto para o sangue e se for em caneco também é pior, agira snifado ou na prata é quase igual ao pó. (...) Também já experimentei no caneco mas já é diferente, aquilo vai logo direto para o sangue. E no caneco sobre logo à cabeça. É igual. E o picado também é igual, vai logo o sangue à cabeça uma pessoa nem sabe onde é que está. (...) Faz logo um estalo. Mas há pessoas que diz que vê ali um policia e não é nada, são paranoias deles. (...) É. A mim nunca me deu isso.*” – E14)

No que toca a *overdoses*, igualmente só foram referenciadas em relação ao meio livre. Os participantes falaram em “sustos” de *overdose* (“*De vez em quando consumia cocaína e tal, uma vez passou-me pela cabeça de me injetar de heroína e tive uma overdose. Estive mesmo quase a morrer. Tu és maluco e tal*” – E20). pelos quais eles

passaram, ou pela perda de um significativo por esta causa, que por coincidência, nos poucos casos evocados ocorreram com um irmão (*“É assim com a droga o que mais me marcou foi o falecimento do meu irmão, foi a coisa que mais me marcou, foi do efeito da droga. Ele morreu de overdose e é assim, e ele uma altura ele estava no apartamento em casa e eu faço anos a dia 5 e isto foi no dia 4 que eu fui lá visitá-lo à noite e ele disse-me a mim. O meu irmão era cozinheiro profissional num hotel 5 estrelas na Suíça, onde teve o meu irmão muitos anos, e ele como cozinheiro profissional eu cheguei lá a casa dele e ele disse-me assim a mim “oh pá estou com bastante fome, faz-me um favor, vai-me buscar um frango” e eu disse-lhe “oh pá tu estás com fome não tens nada para comer aqui em casa, não tens...”, “ah mas não quero estar com trabalho” e quando eu abri a porta e vi as pessoas que lá estavam eu fiquei assim, mas o que é que se passa. Mas lá fui buscar o frango. Quando cheguei com o frango já o meu irmão estava num... já estavam as pessoas, “Chama aí”. Já tinha ambulância e tudo... portanto já estava em, estado de overdose (...) Nem meia hora, aquilo foi num espaço. Aquilo pronto. Se o gajo dos frangos, de carro, 5 minutos, mais 5 para esperar, ou 6 ou 7 que fosse. Que fosse 20 minutos mais ou menos.” – E10).*

3.3.5. Disfunções dos serviços de tratamento

Alguns dos participantes percecionam os serviços de tratamento para a toxicoddependência dentro do sistema prisional como limitados, seja por falhas na sua operação ou no atendimento prestado pelo pessoal constituente desses serviços. Algumas limitações apontadas referem-se à pobre deteção de casos urgentes e apoio insuficiente (*“É aí que muita gente vem da rua e perde-se assim por não ter apoio não ter minimamente uma pessoa que interesse na cadeia, eu no meu pensamento havia de haver uma equipa médica, é verdade que ninguém vem preso por ser santo, mas é preciso ver os casos, cada caso é um caso, e é preciso analisar aquela pessoa, ver se ela está bem. (...) Mas é uma palhaçada. Quem tiver vontade, não lhe adianta... porque aqui, se não procurar ajuda, ninguém lhe oferece ajuda, se não procurar trabalho, ninguém lhe oferece trabalho.” – E1).* Um outro apontamento é a entrada de droga nos serviços, condicionando severamente o seu propósito terapêutico (**Entrevistador:** *“Já agora porquê que voltou, porquê que recaiu, lá em Santa Cruz?”* **Entrevistado:** *“Porquê que recaí lá?”* **Entrevistador:** *“Sim, se estava cá no programa estava bem*

e...” **Entrevistado:** “*Exatamente. Eu fui para a enfermaria, fui para aqui para a enfermaria...a enfermaria também ..entra drogas para lá para dentro. Eu não estava completamente curado na enfermaria...estava e não estava: durante a semana estava curado; ao fim de semana já não estava curado. Que era ao fim de semana que havia drogas lá dentro.*” – E7; “*em Custóias também mas não funciona muito bem, eu já passei por lá e não funciona bem. Não tem nada a ver com Santa Cruz do Bispo. A ULD de Custóias também há lá muita droga.*” – E20).

3.3.6. Suicídio

Este tema foi claramente um dos mais difíceis de abordar com os sujeitos, dada a sua hesitação em falar das suas próprias ideias, dada a quantidade de entrevistados que na sua abordagem ao tema, preferem fazê-lo relativamente a terceiros, simplesmente referindo que no seu próprio caso o pensamento já lhe ocorreu mas desejando não explorar a fundo este ponto (“*Já, e já pensei nisso mas eu nunca era capaz de fazer isso. Nunca, nunca. Nem de me mutilar. A única vez que me mutiliei foi por causa de... mutiliei-me num braço, foi a única vez, e foi por causa de uns guardas e do lume de um cigarro. Foi a única vez, agora mutilar-me ou suicídio foi coisa que nunca me passou pela cabeça. Passou-me pela cabeça a nível de pensar o que é que levaria os outros a fazer isso, ou assim, mas agora a mim próprio nunca me passou tal coisa pela cabeça...*” – E13). É preciso notar que quando questionados sobre o suicídio de terceiros, relacionado de alguma forma com droga, os entrevistados exprimem apenas a sua opinião dos factos, com base nos rumores que lhes chegam ou pelo conhecimento travado com a própria pessoa, não lhes sendo possível na larga maioria dos casos comprovar as verdadeiras motivações de tal ato.

Esta matéria tem maior relevância em contexto prisional, dado ter existido uma única referência ao suicídio relacionado com drogas no meio livre (“**Entrevistado:** “*Ainda aqui há pouco tempo, um que estava aqui preso se atirou abaixo da ponte. Fazia teatro comigo. Era o X. (...) O número dele era o X, era daqui de Paços. Um rapaz que se atirou da ponte. Não é Ponte da Arrábida. É ponte do Freixo, salvo erro. (...) Salvo erro foi a uma sexta-feira, e ele até foi de precária nessa sexta-feira e no domingo fez isso. Foi a última vez que o vi, e ele estava com nós lá no teatro.*” **Entrevistador:** “*E diz que foi por causa da droga?*” **Entrevistador:** “*Exatamente. Pelo menos foi o que me contaram. Como não estava lá, não falei com ele sobre as coisas, não posso dizer nada.*” – E10). O suicídio em meio prisional, segundo grande

parte dos inquiridos, tem uma relação direta com as dívidas contraídas, atingindo o devedor um nível de desespero no qual não consegue fazer frente à situação em causa, podendo envolver casos de ameaças sérias contra a sua própria integridade física, assim como a de familiares no exterior, acentuando ao recluso a sua incapacidade para resolver tal problema enquanto se encontra detido (“*Porque é assim, se você deve dinheiro na cadeia, você está a passar pelo pessoal e a pessoa está-se sempre a lembrar. Se passar 30 vezes pela pessoa, a pessoa está-lhe a lembrar! E depois já não é lembrar, já vão. E depois quando você quando vai a ver já deve a este, aquele, aquele, já deve aí a 5 ou 6 e depois vêm todos ao mesmo tempo. Isso tudo cria uma grande pressão e stresse cá dentro. Porque você lá fora foge para o Algarve, ou para o Alentejo, e aqui não! Você passa todos os dias pelas pessoas. É obrigado mesmo a passar por elas. E mesmo que não queira é obrigado, porque você tem que comer, tem que ir à casa de banho, é obrigado! E é muita pressão está a ver? E muitos suicídios está derivado à pressão das dívidas que se criam cá dentro. Mas isso digo-lhe com toda a convicção.*” – E13)

3.3.7. Medidas Disciplinares

A nível de sanções disciplinares relativas a drogas, as mais comuns são respeitantes à posse de material para consumo próprio (n=5; “*Ora bem, eu não tive castigos por consumir. Eu tive um castigo de 5 ou 8 dias em cela de habitação por ser agarrado com um pacotezinho que era para o meu consumo. Eu deixei cair aquilo, o chefe viu, pegou naquilo e levou.*” – E3; “*Aqui? Recebi um, uma vez mal eu entrei. Fizeram uma rusga à minha cela caçaram-me a prata e uma base e eu disse que era meu.*” – E21).

De seguida, encontram-se as sanções relativas a tráfico (n=3; “*Já houve coisas que eu pedi à minha mãe para me fazer que...hoje em dia eu não fazia isso...não insistia naquilo que eu pedia à minha mãe para me fazer: trazer dinheiro para cá para dentro, aos duzentos euros, aos quinhentos euros para cá para dentro, para pagar dívidas de drogas; depois comecei me a meter em traficar droga para cá para dentro...fui caço duas vezes, levei dois processos de cadeia...cinco anos cada processo. Tudo à pala da droga. Não tinha para curar a ressaca e então tive de fazer isso, começar a traficar droga para cá para dentro...fui caço duas vezes, levei cinco anos de cada processo, já cumpri uma pena...a minha pena da rua, que eram oito anos, já levo sete anos, agora já passam 5/6” – E7; “*Não, nem isso. O guarda revistou-me. Eu não tinha nada. E fomos**

embora. Agora o haxixe, a trazer das visitas já. Já fui caço. Tive vinte e cinco dias de castigo. E mais telemóveis...houve uma altura que tive mais de três meses fechado. Isso até doeu na alma” – E8).

Por fim, foram enumerados dois casos de provocações deliberadas (“*Eu queria me tratar. O que é que eu sou diferente dos outros... Agora imagine... você vê reclusos que consomem, a diretora e chefes a mandá-los para a enfermaria com altos tratamentos, vê outros a ser tratados de outras maneiras... Os outros todos, e porque é que eu era diferente dos outros? A minha revolta veio daí. Porque é que eu era diferente dos outros? Por não falar muito como os outros? Tá a entender o que eu quero dizer? Por não ser chibo como os outros? E a minha revolta foi essa, e eu virei-me para ela e disse, “Ó doutora por favor eu quero-me curar, que desta vez é mesmo!” pega no meu processo, “Você desta vez não tem direito a nada.” E eu bati mal. Vim aqui para falar com o chefe, ah o chefe não atende. “Ah não atende? Vocês pensam que tão a brincar com isto? Ah, não atende, tá tudo.” Cheguei ali à...tavam ali todos a jogar poker, “Olha pá dá aí uma cadeira”, dessas de alumínio, e os guardas estão sempre ali na administração, na altura as alas estavam abertas, isto já vai há dois anos e tal atrás, as alas estão abertas, estão ali três sentados, pego na cadeira ao alto e eles ficaram assim, que é que voce vai fazer?” Olhe não é nada contra vocês saíde daí da frente.” Eles saíram, parti aquilo tudo... destrui os vidros daquele portão, parti os vidros todos, na altura. E eu fiz isso porquê? Porque na altura foi... eu vi que era a solução mais rápida, tanto para me curar, como para falar com o chefe, como para resolver tudo...” – E13; “Já, porque eu era aquele tipo de pessoa, e sou, que independentemente de ser considerado criminoso tenho princípios porque é assim desde o momento que eu era consumidor eu nunca dizia a ninguém que consumia. E eles aqui tinham a mania de entrar pelas celas dentro e levar a prata tangas todas e eu não. É que nem entravam que eu fechava a porta por dentro na tranca e eles ficavam-me a ver por fora e eu lá dentro a fumar e eles de raivosos...” – E15)*

3.3.8. O estigma da toxicodpendência

O estigma social causado pela situação de toxicodpendência é bastante sentido pelos consumidores, e alguns deles exprimem de que foram alvo de tal enquanto consumidores de rua (“*Uma pessoa que ande na droga e mesmo no mundo do crime já não é tratada bem pelos vizinhos, há sempre desatinos.*” – E21), no entanto a exclusão também se faz sentir entre grades, sendo que alguns dos inquiridos referem que a

comunidade prisional ao ter conhecimento da condição de toxicod dependentes de determinado indivíduo, leva a que se instaure contra ele um rebaixamento sistemático da sua pessoa, possivelmente na tentativa de subjugação e humilhação (*“Aqui há uma exclusão muito grande. Porque é assim, se hoje alguém vai comprar, toda a gente sabe. Porque é assim, quem entra ali ou ali toda a gente sabe para o que é. E não dá para esconder. Na rua ainda dá para esconder o consumo, cá dentro da cadeia não dá para esconder o consumo. até porque a droga não é escassa. Há muita droga, mas há dias que só aquele é que tem. Há outros dias que tem 4 ou 5, outros dias que só aquele mas uma pessoa tem que ir lá. E a pessoa aqui na cadeia é diferente porquê? Porque uma pessoa vai ao pai. Vai ao pai, ou vai à mae, ou vai à mulher, ou vai a quem for, pede-lhe o dinheiro e pede isto, aquilo e aquilo. Aqui não. Aquilo, uma pessoa tem que sobreviver, ou mandar vir dinheiro da visita, ou isto, ou aquilo, e como é que eu hei de dizer, é mais difícil manter-se cá dentro, muito mais difícil. Mas a principal diferença é a exclusão mesmo. É a exclusão total, e mau tratamento, e insultos, e por aí fora, é mesmo rebaixar o ser humano ao pior mesmo. É assim que funciona, é rebaixar o ser humano ao pior mesmo. É assim, não é toda a gente, mas eu estou a dizer rebaixar, não estou a dizer a nível fisico ou assim. Também pode acontecer, não é que não possa acontecer, também pode acontecer” – E13*).

3.4. Motivação para o consumo

Quando questionados acerca do que os levou a iniciar e a manter os seus comportamentos aditivos em ambos os contextos, os entrevistados revelaram uma série de motivações, que no caso do meio livre se revelaram mais diversas entre si, enquanto que no caso do consumo prisional as motivações recaíram essencialmente sobre duas subcategorias.

Foi possível identificar no caso do contexto livre cinco tipos de motivação diferentes: pressão grupal (n=6), essencialmente proveniente do grupo de pares (*“Exato. O grupo de amigos também, como estamos em grupo não é? Como eu já vi pessoas que não fumavam, nem sequer fumavam tabaco, pessoas a oferecer “oh pá, fuma , toma” e eles não quero. Mas tanto insistiam hoje, hoje, e amanhã, amanhã e depois que a pessoa acaba por fumar (...) “Oh pá, pega, pega, pega...” uma pessoa talvez nunca tivesse tocado nisso não é? É aqueles momentos frágeis que uma pessoa tem, e eu já tive vários...” – E10*) e num dos casos através de pressão familiar (*“Andei ano e meio a*

viver na rua, o meu pai pôs-me a mim e ao meu irmão a viver na rua, foi à conta desse irmão que me meti na heroína.” – E16); outro dos motivos é o simples prazer do consumo de droga e dos efeitos identificados como positivos (n= 6; “Eu acho que consumia droga lá fora porque dava-me mais pica...ia consumir droga lá fora porque dava-me...forças, parecia que tinha tomado vitaminas, ou redbull... (...) É. Ninguém me metia a mão... que eu ganhava... tinha forças...ia buscar forças em todo o lado. Lá fora ninguém me conseguia-me parar.” – E7; “Porquê que acho que consumia? Porque comecei a consumir a primeira vez e gostei e a partir daí... (...)Sim, porque gostei da primeira vez e continuei. E também era...deixava-me num estado de me abstrair das preocupações que tinha, não é? Se consumia.. durante o dia em que estava a consumir não pensava em nada, não pensava em nada (...) Abstraio-me completamente de tudo. De tudo. No mundo da heroína é assim.” – E9); devido a situações familiares disfuncionais (n=4; “Eu acho que refugiei-me mais na droga derivado à situação familiar em que me encontrava. Da minha maneira de ver, é isso que eu encontrava. Primeiro consumia o haxixe e sentia-me... a minha cabeça não pensava naquilo. Tinha levado porrada, ou mesmo nas situações em que os meus pais se encontravam: eu tinha levado porrada; a minha mãe tinha levado porrada; o meu avô...desentendimentos entre família, e eu fumava o haxixe- “agora esqueci-me; agora vou para casa todo maluco, vou-me deitar lá, adormeço, amanhã é outro dia”. – E8); pela curiosidade de experimentar, e consequente adição (n=4; “basicamente a heroína agarra-se rapidamente... ao fim de uma semana uma pessoa se estiver um dia sem consumir já começa a ter umas dores nas costas, já começa a não querer sair da cama... a heroína agarra (...) Fica com as calças na mão. A cocaína é um perigo! É muito gulosa e aquilo é uma fração de segundos. A sensação que dá é 5/6 segundos... e depois uma pessoa tem que meter logo outra.” – E11); e por fim, com menos relevo, a percepção do próprio como “emocionalmente instável”, e a visão de que a droga servia de refúgio para os problemas do quotidiano (n=2; “É um refugio. É isso, depois está tudo ligado ao conhecer-nos e ao saber lidar com o nosso estado emocional. Porque nem sempre há dias bons, nem sempre há dias maus. E na minha situação houve momentos maus em que eu não conseguia arranjar uma solução então fugia. É a covardia, refugiava-me na droga.” – E20).

Já durante o cárcere, os reclusos nomearam essencialmente duas motivações para o consumo: uma necessidade de “escape” ao cumprimento da pena ou simplesmente ao ambiente “pesado” no qual são forçados a endurar, uma forma de

passagem do tempo (n= 12; *“Vinha a bater mal lá fora. Vinha a bater muito mal, mesmo. E depois quando soube, em tribunal, que levei sete anos de uma vez só, deu-me para chegar aqui dentro e vinha com a cabeça a rebentar...não... Vou consumir droga. (...) Eu tinha só três anos para cumprir e vou a tribunal levo logo com sete anos...de três anos passa para sete...eu que não fiz mal a ninguém...”* – **E6**; *“Para passar o tempo. Cá dentro consumia para passar o tempo. Não era por mais nada. Visitas tinha, tinha apoio... (...) E olhe, vou-lhe dizer uma coisa, os primeiros quatro anos passou igual para mim. Automaticamente passou-me a voar. Mas a voar mesmo, nem senti. Não senti nada, nada, nada, nada, nada... não chorei nem um dia nem nada. Nada. E agora choro.”* – **E10**), sendo o outro motivo essencial a condição de toxicod dependência manter-se aquando a sua ingressão ao mundo prisional, e a sua necessidade de evitamento da ressaca (n=8; *“Agora cá dentro, os processos aqui, tudo aqui, se calhar até era o bicho que estava cá dentro já, depois ofereciam uma, duas, três, quatro vezes, se calhar já era o bicho que já estava cá dentro e eu já queria fumar.”* – **E17**; *“Eu vim agarrado de lá de fora, eu andei a consumir, não é? Foi aí que comecei.”* – **E23**). Apenas dois entrevistados apresentam motivos aparte dos ilustrados para o seu consumo atrás das grades, um pelo prazer dos efeitos da droga (*“O gostar de droga... (...) porque gostava de drogas”* – **E4**) e outro pela facilidade de acesso através de um amigo traficante (*“Mas pronto, como tinha acabado de ser transferido para aqui e a única pessoa que eu conhecia nesta cadeia era traficante, pronto, foi assim que eu comecei... (...) eu saí de uma regional e isto é uma cadeia grande, vai um fumo e tal, ao outro dia outra vez e quando dei conta já estava agarrado. Mas depois parei logo num mês e pouco.”* – **E18**)

4. Conclusão e considerações finais

Terminando a exposição dos dados, e avançando para o desfecho deste trabalho, somos obrigados a retornar ao início da pesquisa, e interrogar-nos acerca das questões de investigação que inicialmente delinearão este projeto, e de que forma elas foram respondidas. Será que efetivamente o encarceramento produziu um impacto nos consumos de substâncias anteriores à detenção? E quais as experiências e sentimentos mais associados ao consumo de drogas, dentro e fora da prisão?

Se revermos o relato descrito pelos reclusos acerca das quatro temáticas gerais, efetivamente está patente no seu discurso uma diferenciação entre a “liberdade” e a “prisão, o “lá fora” e o “cá dentro”. Este aspeto subjetivo, já nos indicia para distinção que os reclusos criam para os dois contextos.

Em termos de padrões de consumo, a larga maioria dos entrevistados, teve algum tipo de contacto com o haxixe, heroína e cocaína transpondo, na sua generalidade, os consumos das mesmas substâncias para o meio prisional. O fumo continua a ser a via de consumo mais usual, e o consumo endovenoso, mais comum no exterior, sofre um declínio na prisão, devido ao controlo da entrada de bens, sendo considerado um “luxo”, acessível àqueles apenas com maiores possibilidades económicas. As maiores diferenças revelam-se ao nível das quantidades consumidas, onde mesmo aqueles que conseguem um consumo diário necessitam de planejar as porções, de modo a não terem de passar por ressaca. Uma referência geral, é da baixa qualidade da droga em meio prisional, que muitos dos sujeitos referem ser excessivamente traçada, geralmente por comprimidos avulsos. Outros referem também, os preços exorbitantes aos quais se têm de conformar, não lhes sendo possível, por razões óbvias, procurar outros fornecedores, estes últimos bastante cientes da limitação espacial aos quais estão cingidos os consumidores na procura da droga. Estes resultados vão, na sua larga maioria, de encontro àqueles encontrados por Torres, em 2009, observando-se o recuo contínuo da injeção de drogas, tanto na cadeia, como no exterior, com a população toxicodependente em geral (Fernandes, 2008).

Em termos das experiências mais marcantes, os sujeitos evocam os problemas com traficantes, referindo a dificuldade no pagamento da droga, e sucessivos juros aos quais lhes são acrescentados após sucessivos falhas no pagamento, tendo muitas vezes de recorrer a ajuda das suas famílias no exterior. Refere também que estão sujeitos a

constantes ameaças, e que o stresse nesta situação é acrescido dado não existir refúgio possível, e terem de lidar diariamente com os seus credores. A situação agrava-se quando além das ameaças contra a sua pessoa, o recluso é confrontado com ameaças contra a sua família no exterior, aumentando exponencialmente a sensação de desesperação.

Devido a esta economia prisional instaurada, muitos dos participantes referem que o desfecho inevitável para muitos dos sujeitos em tal situação é o suicídio, referindo alguns que é mesmo uma forma de proteção das famílias, conjugado com toda uma vida de rebaixamento da qual não há esperança nem solução.

Por fim, relativamente às justificações que os participantes evocam para consumir em meio prisional, e contrastando com o meio livre, estas cingem-se a duas razões: o consumo de drogas como um instrumento de escape da realidade prisional, onde o recluso utiliza as drogas seja para se refugiar dos diversos problemas que possa ter, tanto no exterior como entre grades, ou para auxiliar na passagem do tempo, facilitando o cumprimento da pena; e o consumo de drogas como uma continuação da toxicod dependência já estabelecida previamente ao ingresso no sistema prisional, e conseqüente manutenção do estilo de vida, sendo encarada como uma motivação óbvia pelos inquiridos.

Como não há bela sem senão, o investigador necessita de conhecer as limitações inerentes ao seu estudo, associadas à escolha da sua metodologia, e ao próprio objeto de estudo e ter a humilde de reconhecer quando o seu trabalho é condicionado por tais questões.

Relativamente à metodologia, neste caso de natureza qualitativa, como já descrito, o seu ponto forte de manter a singularidade através do estudo de casos particulares de forma aprofundada, é igualmente o seu calcanhar de Aquiles. Ao estudar, 22 casos de uma prisão de condenados do Norte do país podemos, até certo ponto, considerar que muitas das dinâmicas evidenciadas são muito próprias desse estabelecimento prisional, não sabendo até que ponto elas são transponíveis, por exemplo, para uma cadeia de preventivos, como evidenciado por alguns reclusos nas suas evocações a Custóias, por onde alguns passaram. Apesar das inúmeras referências feitas aos cumprimentos de penas em diversos estabelecimentos prisionais, será mais correto assinalar que este estudo engloba as experiências prisionais, acerca do consumo de drogas, de parte da população do Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira. Ainda dentro da metodologia, será preciso assinalar que o método de seleção da amostra

não está isento de possíveis críticas, dado terem sido contactados, através dos Serviços Clínicos, sujeitos que se encontravam em tratamento ou já o tinham concluído, atingindo-se uma secção específica dos consumidores de drogas, não se dando “voz” à totalidade da população consumidora.

Relativamente ao objeto de estudo, é preciso termos a franqueza de que este não é propriamente uma temática abordada com ligeireza por parte dos entrevistados, dada não só a conotação atribuída às drogas e seus consumidores, pela sociedade no seu geral, como também no próprio contexto onde se processou a recolha dos dados. De facto, durante a entrevista, quando realizada a transição das questões do meio livre para o meio carcerário, nota-se uma ligeira alteração de posturas, uma maior reticência em abordar certas questões, uma passagem do discurso do “eu” para “os outros”, como é apenas natural. Alguns dos entrevistados foram bastante explícitos nesta questão, mesmo antes do início da entrevista, expressando preocupação sobre a finalidade dos seus relatos e a sua anonimidade. É necessário ter em conta a gravidade acrescida da simples posse de substâncias dentro de um estabelecimento prisional, quanto mais a admissão de um consumo continuado ou de tráfico, pois nunca deixará de existir aquela suspeita de que o investigador poderá trabalhar para o setor judiciário ou que a anonimidade poderá não ser verdadeiramente exercida (Maere, 2000). No entanto, estamos convencidos da autenticidade dos relatos aqui expostos, apesar de cientes da possibilidade de existência de pontuais omissões ou “embelezamentos”.

Por fim, gostávamos de assinalar, que no estudo das trajetórias desviantes e na tentativa de enquadrar os sujeitos na tipologia criminal de Agra e Matos (1997), sentimo-nos mais limitados ao classificar os entrevistados, pois apesar de ao longo da entrevista evocarmos diversos aspetos biográficos dos sujeitos, o principal objetivo foi o de abordarmos apenas os que se relacionavam com o consumo de substâncias, ao contrário do biograma, que aborda o trajeto desviante, na sua inteireza, enquadrando-o com toda a trajetória de vida do sujeito. E apesar de esta problemática envolver de forma considerável a globalidade biográfica de uma pessoa toxicod dependente, ela não é a sua totalidade, podendo ser redutor considerar que qualquer uma pessoa possa ser definida e circunscrita à droga.

Bibliografia

- Agra, C. & Matos, A. P. (1997). *Trajétórias Desviantes*. Lisboa: Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga
- Agra, C. (2008). *Entre droga e crime: atores, espaços e trajetórias*. 2ª Edição. Cruz Quebrada: Casa das Letras.
- Bandura, A. (2002). Selective moral disengagement in the exercise of moral agency. *Journal of Moral Education*, 31, 101–119.
- Bennet, T., Holloway, K. & Farrington, D. (2008). The statistical association between drug misuse and crime: A meta-analysis. *Aggression and Violent Behavior*, 13, 107–118.
- Cunha, M. (2002). *Entre o bairro e a prisão : tráfico e trajetos*. Lisboa : Fim de Século.
- Decreto-Lei nº 15/93 de 22 de janeiro. Diário da República. Retirado de <http://dre.pt/pdf1sdip/1993/01/018A00/02340252.pdf>
- Farrel, M., Singleton, N. & Strang, J. (2000). Drugs and Prisons: A high risk and high burden environment. In D. Shewan & J. B. Davies (Eds.) (2000). *Drug use and prisons: an international perspective*. Amsterdam : Harwood Academic
- Fernandes, L. (1993). Territórios psicotrópicos. In C. Agra (Ed.) (1993) *Dizer a droga ouvir as drogas: estudos teóricos e empíricos para uma ciência do comportamento adictivo*. Porto: Radicário.
- Fernandes, L. (1997). Os princípios de exclusão da droga. In H. Gomes de Araújo, P. Mota Santos e P. Castro Seixas (Eds.) (1998). *Nós e os Outros: a exclusão em*

Portugal e na Europa. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Fernandes, L. (2002). *O sítio das drogas: etnografia das drogas numa periferia urbana*. 3ª Edição. Lisboa: Editorial Notícias.

Fernandes, L. & Silva, M. (2009). *O que a droga fez à prisão: um percurso a partir das terapias de substituição opiácea*. Lisboa: IDT.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (1997). *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.

Gonçalves, R. A. (1990). *A adaptação à prisão: um processo vivido e observado: estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado em Psicologia do Comportamento Desviante, apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Hughes, R. (2003). Illicit Drug and Injecting Equipment Markets Inside English Prisons: A Qualitative Study. *Treating Substance Abusers in Correctional Contexts: New Understandings, New Modalities*. London: The Haworth Press.

Larney, S. & Dolan, K. (2009). A Literature Review of International Implementation of Opioid Substitution Treatment in Prisons: Equivalence of Care? *European Addiction Research*, 15(2), 107-112.

Lei nº30/2000 de 29 de novembro. Diário da República. Retirado de <http://dre.pt/pdf1sdip/1993/01/018A00/02340252.pdf>

Lei n.º 115/2009 de 12 de outubro. Diário da República. Retirado de <http://dre.pt/pdf1sdip/2009/10/19700/0742207464.pdf>

Maere, W. (2000). Research amongst incarcerated drug users: a tricky business. *Drug-misusing offenders in prison and after release*. Starsbourg: Council of Europe.

- Negreiros, J. (1997). *Consumo de drogas nas prisões portuguesas*. Lisboa: Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga: Ministério da Justiça.
- Negreiros, J. (2001). *Delinquências Juvenis: Trajetórias, Intervenções e Prevenção*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Negreiros, J. (2003). *As drogas e as cidades: prevalências e perfis de consumidores problemáticos*. Porto: Radicário.
- Observatório Europeu das Drogas e da Toxicodependência (2011). *Relatório Anual 2011: A evolução do fenómeno da droga na Europa*. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia.
- Passini, S. (2012). The delinquency-drug relationship: the influence of social reputation and moral disengagement. *Addictive Behaviors*, 37(4), 577-579. doi: 10.1016/j.addbeh.2012.01.012
- Seidman, I. E. (1991). *Interviewing as qualitative research: a guide for researchers in education and the social sciences*. New York : Teachers College Press.
- Shewan, D., Macpherson, A., Reid, M. M., & Davies, J. B. (1995). Patterns of injecting and sharing in a Scottish prison. *Drug and Alcohol Dependence*, 39(3), 237-243.
- Stöver, H. & Michels, I. I. (2010). *Drug use and opioid substitution treatment for prisoners*. Harm Reduction Journal. 7:17. doi:10.1186/1477-7517-7-17
- Strang, J., Gossop, M., Heuston, J., Green, J., Whiteley, C. & Madden, A. (2006). Persistence of drug use during imprisonment: relationship of drug type, recency of use and severity of dependence to use of heroin, cocaine and amphetamine in prison. *Addiction*, 101(8), 1125-1132.

Tavares, J. (2008). *Droga entre grades: Prevalência do Consumo de Drogas em Meio Prisional* (Tese de Mestrado). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Porto.

Todts, S., Gilbert, P., Malderen, V. S., Huyck, V. C., Saliez, V. & Hogge, M. (2009). *Usage de drogues dans les prisons belges: monitoring des risques sanitaires*. Bruxelas: Service Public Fédéral Justice.

Torres, A., Maciel D., Sousa I., Cruz R. (2009). *Drogas e Prisões: Portugal 2001-2007*. Lisboa: IDT.

Anexos

Guião de entrevista

1. Padrões de consumo:

Como foi o seu trajeto de consumo fora da prisão?

- Com que idade começou?
- Com que droga se iniciou?
- Que modos de consumo? (fumada, injetada, inalada, ingerida)
- Frequência do consumo?
- Modos de aquisição?
- Contexto de consumo (que locais e com quem)?
- Alterações no padrão (com que idade que idade)?
- Desintoxicações/tratamentos?

Como foi/é o seu trajeto de consumo na prisão? Quais foram as alterações mais evidentes no seu consumo, quando passou para o contexto prisional?

- Que drogas utilizou/utiliza na prisão?
- Que modos de consumo?
- Frequência do consumo?
- Modos de aquisição?
- Contexto de consumo?
- Iniciou o consumo de novas drogas na prisão?

- Caso tenha deixado de consumir, perguntar se foi em contexto prisional ou não, e quais os fatores que mais contribuíram
- Caso injete: utiliza sempre seringas novas ou também usadas? Partilha seringas?
- Acedeu a programas de tratamento enquanto se encontrava em cumprimento de pena?

2. Adaptação dos consumos à realidade de vivência

Como geria os seus consumos com a sua vida normal no dia a dia fora da prisão?

- Perguntar a atividade laboral e como geria os consumos com essa atividade
- Perguntar sobre a sua integração no meio escolar (perguntar sobre o nível de escolaridade mais elevado atingido) e a interferência dos consumos (se estes foram iniciados em idade escolar)
- Alguma relação/conflito entre os relacionamentos amorosos e o consumo de drogas?
- Qual a relação entre atividade delituosa e drogas?

Quais foram as alterações mais evidentes no seu consumo, quando passou para o contexto prisional? Como é que gere os consumos em contexto prisional?

3. Experiências marcantes

- Quais as suas substâncias de preferência (e porquê)?

- Que sanções já levou por ter consumido dentro de contexto prisional ?
- Algum acontecimento/situação marcante ao longo do seu trajeto consumo?
- Situações de violência (física ou psicológica) /conflito/suicídio (ou tentativas)/tráfico/ ou qualquer outra emergência (também pode relatar situações relativas a terceiros de que teve conhecimento)

4. Motivação para o consumo

Que motivações encontrava para consumir quando se estava fora da prisão?/Porque acha que consumia, quando se encontrava fora da prisão?

Porque consome/consumiu dentro da prisão?

5. Algum facto ou acontecimento que não tenha surgido no âmbito da entrevista e que ache pertinente para o assunto discutido?

**Declaração de Consentimento para a Participação em Trabalho de
Investigação Académica**

a) Eu, _____, número
___ de identificação no estudo, declaro que aceito, de livre vontade,
participar no trabalho de investigação com indivíduos reclusos no
Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira, da responsabilidade do
investigador Henrique Pedro e da Universidade do Porto.

b) Declaro que autorizo o investigador e a equipa responsável da
Universidade do Porto a utilizar os meus dados para efeitos da investigação,
desde que respeitando a confidencialidade e anonimato dos mesmos.

c) Declaro que compreendi todas as condições relativas à participação neste
trabalho de investigação.

Paços de Ferreira, _____ de _____ de 2012.

(O participante)

(O investigador)

Anexo 3 – Grelha de análise de conteúdo para as referências em meio livre

Categorias gerais	Subcategorias	Indicadores	Sub indicadores	
Padrões de Consumo	Idade de iniciação	<12a= 5 13a-15a= 12 >16a = 5		
	Substância de iniciação	Haxixe (20)		
		Heroína (2)		
	Contacto com drogas duras	Heroína, cocaína (11)		
		Cocaína, depois heroína (2)		
		Heroína e cocaína, simultaneamente (6)		
		Ecstasy, depois cocaína (2)		
		Heroína, depois haxixe (1)		
		Idade	<15=5 16-18=9 >19=8	
	Outras drogas duras	Ecstasy/pastilhas (12)		
		LSD/ácidos (4)		
		Subutex (1)		
	Modo de consumo - haxixe	Fumada (20)		
	Modo de consumo - heroína	Fumada (20)		
		Injetada s/partilha (6)		
		Injetada c/partilha (3)		
	Modo de consumo - cocaína	Inalada (4)		
		Fumada (9)		
		Injetada s/partilha (3)		
		Injetada c/partilha (1)		
	Modo de consumo – heroína e cocaína misturadas	Fumada (1)		
		Injetada (s/partilha) (1)		
	Modo de consumo - subutex	Injetada (s/ partilha) (1)		
	Frequência de consumo	Todos os dias (21)		
		Ecstasy/pastilhas nas festas (10)		
	Modo de obtenção	Comprada (20)		
		Roubada (2)		
	Contexto de consumo	Local	Interior (10)	
			Exterior (3)	
			Ambos (9)	
		Companhia	Sozinho (2)	
			Acompanhado (13)	
Ambos (7)				
Abstinência (drogas duras)	Quantidade	1 vez = 4 2 vezes = 4		
	Período			
Programas de tratamento	Número	1-2 vezes =5 3-5 vezes =6		
Adaptação	Gestão de consumos no	Consumir antes do trabalho (5)		

dos consumos	quotidiano			
		Consumir antes e após o trabalho (7)		
		Consumir após o trabalho (2)		
		Consumir no trabalho (3)		
		Nunca esteve empregado (2)		
		Necessidade de ocultação dos consumos (2)		
		Dificuldade de conciliação ligada às dificuldades económicas (1)		
		Patrões ajudavam (1)		
	Drogas e percurso escolar	Escolaridade obtida	Sabe ler e escrever (1)	
			1º ciclo (7)	
			2º ciclo (8)	
			3º ciclo (1)	
			Secundário(2)	
			Formação profissional	
		Sem interferência (11)		
		Interferência significativa (4)		
	Relações amorosas e drogas	Facilitadoras (1)		
Sem efeito (7)				
Conflito menor (desconfianças, discussões ligeiras...) (7)				
Conflito sério (quebra de relacionamento, discussões graves, agressão...) (6)				
Conjugação droga-crime	Tipologia	Consumidor-delinquente (10)		
		Especialista droga-crime (4)		
		Delinquente-toxicodependente (5)		
	Adrenalina/sensação de invencibilidade			
Experiências marcantes	Exprime que teve, mas não desenvolve (1)			
	Conflitos familiares (3)			
	Conflitos entre consumidores (2)			
	Conflitos com traficantes (5)			
	"Más trips"/Alucinações (4)			
	Morte de significativo (3)			
	Conflitos/violência com a polícia (2)			
	Relatos de suicídios por questões de droga (1)			
	Ser sujeite a roubos (1)			
	Mágoa/arrependimento por ações cometidas aos outros (2)			

	Susto de overdose (2)		
	Estigma social ligado à toxicodependência (1)		
Motivação para consumo	Pressão de terceiros	Grupal (pares) (6)	
		Familiar (irmãos) (1)	
	Prazer do consumo/efeitos positivos (6)		
	Escape a situação familiar disfuncional (4)		
	Curiosidade de experimentação, dependência foi rapidamente estabelecida, e consequentes ressacas (4)		
	“Instabilidade emocional” (2)		

Anexo 4 – Grelha de análise de conteúdo para as referências em meio prisional

Categorias gerais	Subcategorias	Indicadores	Sub indicadores	
Padrões de consumo	Substâncias consumidas	Haxixe (17)		
		Heroína (20)	1º contacto na prisão (2)	
		Cocaína (11)		
		Subutex (2)	1º contacto na prisão (1)	
	Modo de consumo - haxixe	Fumado (14)		
	Modo de consumo (heroína/cocaína/subutex)	Fumado (11)		
		Inalado (2)		
		Injetado (s/partilha)		
		Injetado (c/partilha) (1)		
	Frequência de consumo	Todos os dias (12)		
	Modo de aquisição	Comprada (16)	? (1)	
			Numerário	
			Tabaco/cartões (3)	
			Roupa (2)	
			Cantinas	
		Diversos (combinação dos indicadores acima) (10)		
		Ajudar no tráfico (1)		
	Contexto de consumo	Local	Cela (16)	
			Locais não vigiados	
			Diversos (combinação dos dois acima e outros locais) (6)	
		Companhia	Sozinho (4)	
			Acompanhado (10)	
			Ambos (6)	
	Programas de tratamento	Quantidade	1-2 vezes = 17	
			>2 vezes = 2	
	Abstinência	Período		
	Abstinência (atualmente)	Total (6)		
Mantém haxixe (9)				
Mantém heroína e cocaína (1)				
Motivação para deixar o consumo	Farto/desmotivado com os consumos (3)			
	Motivos Familiares (8)			
	Droga levou à delinquência, e eventualmente afastamento (4)			
	Questões de saúde (2)			
	Motivos económicos (1)			
Estigma social no seio prisional (3)				

	Substância preferida	Haxixe (5)	Efeito agradável /Não causa dependência e outras drogas causam dependências e ressacas desagradáveis (5) Monetariamente mais favorável (1)		
		Heroína (4)	Efeito agradável/ efeito de outras drogas é pior (2) Motivos financeiros (1) Tira a ressaca (1)		
		Cocaína (9)	Efeitos euforizantes (8) Não causa dependência (1)		
		Ecstasy (1)	Não causa dependência		
		Heroína+cocaína (1)	Efeito conjugado das duas		
		Cogumelos (1)	Efeito agradável/ Dependência de outras drogas é pior (1)		
		Adaptação dos consumos	Diferenças do consumo prisional	Menor disponibilidade de droga (13)	Tira a ressaca (1) Por questões financeiras (9)
				Contexto prisional mais propício a “bater mal” (1)	
Droga na prisão mais adulterada (10)					
Droga no exterior dá mais prazer (1)					
Pedido de tratamento prisional como sinal de degradação (1)					
Experiências marcantes	Sanções devido à droga	Posse de droga/material para consumo (5)			
		Processos de cadeia/castigos devido a tráfico para dentro da prisão (2)			
		Por realizar negócios para financiar consumo (1)			
		Indisciplina por questões de droga (provocação) (2)			
	Conflitos familiares				
	Dificuldades no tratamento (disfunções dos serviços) (4)				
	Relatos acerca do suicídio	Tentativas do próprio devido à droga (2)			
		De terceiros por “baterem mal” com a droga (2)			
		De suicídio de terceiros devido a dívidas de droga (8)			

		De terceiros por falta de droga (1)	
	Situações de violência entre reclusos devido à partilha de substâncias (2)		
	Problemas com traficantes (8)		
	Droga como automedicação (2)		
	Seringa vista como um luxo na prisão (1)		
	Exclusão social na prisão (exposição dos consumos) (1)		
	Prostituição ocasional para alimentação do consumo (1)		
	Insistência dos dealers na prisão para o consumo (2)		
	Entrada de droga nos EP por guardas/funcionários (2)		
Motivação para consumo	Escape ao contexto prisional (12)		
	Situação de toxicodependência trazida de fora (8)		
	Amigo traficante na cadeia facilitou o consumo (1)		
	Prazer do consumo/efeitos positivos (1)		